

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA

ASPECTO: NÚCLEO LICENCIADOR DA
ALTERNÂNCIA INCOATIVA
NO PB

Belo Horizonte, MG
Faculdade de Letras da UFMG
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA

***ASPECTO: NÚCLEO LICENCIADOR DA
ALTERNÂNCIA INCOATIVA
NO PB***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha 1C: Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte.

**Belo Horizonte, MG
Faculdade de Letras da UFMG
2011**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Dissertação intitulada *Aspecto: núcleo licenciador da alternância incoativa no PB* defendida por MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA em 04/07/2011 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores relacionados a seguir:

Handwritten signature of Dr. Fábio Bonfim Duarte in cursive script.

Dr. Fábio Bonfim Duarte - UFMG
Orientador

Handwritten signature of Dra. Márcia Dâmaso Vieira in cursive script.

Dra. Márcia Dâmaso Vieira - UFRJ

Handwritten signature of Dra. Jânia Martins Ramos in cursive script.

Dra. Jânia Martins Ramos - UFMG

"Imagino que para lidar com as diferenças entre nós e as outras pessoas temos que aprender compaixão, autocontrole, piedade, perdão, simpatia e amor – virtudes sem as quais nem nós, nem o mundo, podemos sobreviver."

Wendell Berry

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha determinação e crença.

A minha família, pelo apoio incondicional em todos os momentos.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte, pelo entusiasmo contagiante, pela orientação precisa. Você é, para mim, um exemplo de humildade, sabedoria, firmeza... OBRIGADA!

À Aninha, companheira, amiga inseparável, com quem tenho aprendido muito desde a Graduação. Obrigada, amiga, por me apresentar o mundo da pesquisa acadêmica e me incentivar com doces palavras.

À Chris, que, além de amiga e companheira inseparável, muito me ensina da Teoria Gerativa, da língua inglesa e da vida... A você, Chris, muito OBRIGADA pelo sorriso, pela firmeza nos ensinamentos.

À Sílvia, pelas doces aulas de língua inglesa. Obrigada, minha Mestra, suas lições foram fundamentais para meu ingresso no Mestrado.

Ao Professor Luiz, pela calorosa recepção, pela disponibilidade em nos ajudar, pela lição de humildade e competência.

Aos demais professores da Faculdade de Letras da UFMG, pelos valiosos ensinamentos no decorrer do curso.

À Marisa, por me ajudar com a língua inglesa e pelo sorriso cativante.

À Solyane (Sol de Aracaju), pela convivência enriquecedora, pela alegria contagiante e pelas lições de determinação. Sol, obrigada por esta luz!

À Juvanete (Ju da Bahia), que nunca mediu esforços para me ajudar. Obrigada, amiga!

À Lia e Sílvia, por me hospedarem tantas vezes em BH.

Aos muitíssimos amigos de Mutum, pelo apoio e pela torcida. À Lindaura, pelas lições de otimismo e de informática. À Claudete, pelo exemplo

profissional. À Solange (Sol de Mutum) e Lelei, pelas dicas de informática, pelo empréstimo do computador, da impressora, do tempo... Muito obrigada!

À Quézia e Quelli, por dividirem comigo o espaço físico e as preocupações diárias. À Norma Suely, pelo companheirismo.

À Adenira, Selma e Vanuza, por se preocuparem sempre comigo. À Cidinha, pela amizade. À Diana, pela disponibilidade e alegria. À Silvana, pela lição diária de otimismo. Ao Nelson e Cleuzinha, por se lembrarem sempre de mim. À Olga, pela torcida. À Taninha, por me receber com muito carinho em sua casa. À Vera, pelas incontáveis ajudas nos primeiros textos acadêmicos.

Às queridas amigas, Alexandrina e Cecília, pela preciosa convivência e por me incentivarem a ser cada vez melhor em minha profissão.

À Lúcia e Sebastião, por terem me acolhido como ‘filha’, dando-me o apoio necessário para que eu concluísse o Curso de Magistério! Obrigada!

À querida prima, Sônia (GV), pelas conversas descontraídas, pela presença marcante em minha vida... Obrigada!

Aos meus colegas e amigos da UFMG, Ana Clara, Adélma, Alcione, Ana Luíza, Elizete, Isadora, Igor, Gardênia, Ju, Lu, Quesler... Com certeza, eu aprendi muito com cada um de vocês.

À Nasle, por me hospedar em sua casa. À Evilázia, pelo empréstimo de incontáveis textos. À Luciani, pela gentileza e por tantas “caronas” da UFMG até Contagem.

Às professoras Doutoras Marcia Maria Damaso Vieira, Jânia Ramos e Márcia Rumeu, por fazerem parte da minha banca e pelas observações precisas.

Aos funcionários do POSLIN/UFMG, que sempre nos atendem com uma carinhosa eficiência.

Aos funcionários da SRE de Manhuaçu, pelo pronto atendimento.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento desta pesquisa. INFINITAMENTE OBRIGADA!

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar os verbos causativo-incoativos do português brasileiro. No intuito de descrever os tipos de argumentos selecionados por esses verbos, bem como compreender a forma de licenciamento dos traços aspectuais [+incoativo] e [+télico], os verbos são agrupados em duas subclasses. Na primeira subclasse, estão os verbos do tipo de ‘apodrecer’ que carregam o morfema aspectual incoativo {-ec-}. Na segunda, estão os verbos do tipo de ‘quebrar’ que não exibem morfologia incoativa visível. A investigação começa a partir de estudos de Hale & Keyser (1993; 2002) sobre a estrutura argumental de verbos locativos que possuem um componente semântico chamado *manner* em sua representação lexical, o qual permite que tais verbos alternem na forma incoativa. Por outro lado, quando esse componente não está presente dentro do VP lexical, a alternância incoativa é, então, bloqueada. Com base nessas intuições, a hipótese assumida é a de que o componente semântico *manner* corresponde ao traço aspectual [+incoativo]. Conseqüentemente, eu hipotetizo que este traço deve ser coindexado com o argumento interno [+afetado], em [Spec-VP]. Portanto, afirmo que a presença do traço [+incoativo] no significado do predicado é diretamente responsável pela interpretação da mudança de estado do argumento interno. Como resultado desta análise, assumirei que predicados que expressam mudança pontual devem apresentar uma leitura [+télica].

PALAVRAS-CHAVE: Estrutura argumental, verbos causativo-incoativos, aspecto incoativo, telicidade e alternância.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the causative-inchoative construction in Brazilian Portuguese. In order to establish which arguments are selected by these verbs as well as to understand how the aspectual features [+inchoative] and [+telic] are encoded, the verbs were grouped into two sets. In the first set, I include verbs like ‘apodrecer’ (to rot), which visibly carry the inchoative morpheme {-ec-}. On the other hand, in the second set, I grouped verbs like ‘quebrar’ (to break), which do not exhibit visible inchoative morphology. The investigation starts from Hale & Keyser's (1993; 2002) observation that the argument structure of such verbs must possess a semantic component called ‘manner’, which allows them to alternate. On the other hand, when this semantic component is not present within the lexical VP, the inchoative alternation is then blocked. Based on these intuitions, the hypothesis assumed is that the semantic component ‘manner’ corresponds to the aspectual feature [+inchoative]. Consequently, I hypothesize that this feature must be coindexed with the internal argument in [Spec-VP]. Therefore, it is the presence of this feature on the predicate meaning that is directly responsible for us to obtain the change of state interpretation of the internal argument. The result of such analysis is that we will have to assume that predicates expressing punctual change must exhibit a [+telic] reading.

Keywords: Argument structure; causative-inchoative verbs; inchoative aspect, telicity and alternation.

ABREVIATURAS E SIGLAS

A°: Núcleo da categoria adjetival AP

ACC: Caso acusativo

AGR: Concordância (*Agreement*)

AP: Sintagma adjetival

APL: Núcleo aplicativo

Asp°: Núcleo aspectual

AspP: Sintagma aspectual

DAT: Caso dativo

DP: Sintagma determinante (*Determiner Phrase*)

DS: Estrutura profunda (*Deep structure*)

EPP: Princípio de projeção estendida (*Extended Projection Principle*)

GEN: Caso genitivo

GT: Gramática Tradicional

I°: Núcleo do sintagma flexional

LRS: Estrutura lexical relacional (*Structure Relational Lexical*)

NOM: Caso nominativo

N°: Núcleo do sintagma nominal

NP: Sintagma nominal (*Noun Phrase*)

OSs: Objetos sintáticos (*Syntactic objects*)

P°: Núcleo do sintagma preposicional PP

PB: Português Brasileiro

PF: Perfectivo

PP: Sintagma Preposicional (*Prepositional Phrase*)

PRES: Presente

SG: Singular

SN: Sintagma nominal

Spec: Posição de especificador

Spec-TP: Especificador do sintagma de tempo

Spec-VoiceP: Posição de especificador do sintagma de voz

Spec-VP: Especificador do sintagma verbal

Spec-vP: Especificador do sintagma verbal que tem como núcleo um verbo leve

t: Vestígio (*trace*)

T^o: Núcleo da categoria funcional TP

TP: Sintagma de tempo (*Tense Phrase*)

*u*T: Traço ininterpretável de tempo

UTAH: Uniformidade na atribuição dos papéis temáticos (*Uniform theta assignment hypothesis*)

V: Verbo

VoiceP: Sintagma de voz

vP: Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo leve

VP: Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo lexical (*Verbal Phrase*)

VSO: ordem da sentença: verbo, sujeito e objeto

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 3

QUADRO 1 TRAÇOS ASPECTUAIS DOS AFIÇOS NO PB.....	17
--	----

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO.....	v
ABSTRACT.	vi
ABREVIATURAS E SIGLAS.....	vii
LISTA DE QUADROS.....	ix

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	9
2.1 FORMAÇÃO DOS VERBOS INCOATIVOS NO PB.....	9
2.1.1 A PROPOSTA DE OLIVEIRA (2009).....	12
2.1.2 A PROPOSTA DE HALE & KEYSER (2002).....	20
2.1.2.1 <i>CONFLATION</i>	20
2.2 O ASPECTO VERBAL E O NÚCLEO SINTÁTICO FUNCIONAL.....	24
2.2.1 O ASPECTO VERBAL.....	24
2.2.2 O NÚCLEO SINTÁTICO FUNCIONAL.....	27
2.3 KRATZER: DO LICENCIAMENTO DO ARGUMENTO EXTERNO.....	34
2.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	40

CAPÍTULO 3

VERBOS ALTERNANTES CAUSATIVO-INCOATIVOS NO PB: DESCRIÇÃO DO FENÔMENO.....	42
3.1 UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CAUSATIVIZAÇÃO E INCOATIVIZAÇÃO.....	42
3.1.1 A PROPOSTA DE LEVIN (1993).....	43
3.1.2 A PROPOSTA DE LEVIN E RAPPAPORT (1995).....	45
3.2 PROPRIEDADES DOS VERBOS INTRANSITIVOS INACUSATIVOS E INCOATIVOS.....	51
3.2.1 A PROPOSTA DE CIRÍACO (2007) E DE DUARTE E CASTRO (2010).....	53
3.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	59

CAPÍTULO 4

PROPOSTA TEÓRICA.....	61
4.1 ANALISANDO A PROPOSTA DE HALE & KEYSER.....	62
4.1.1 A PROPOSTA DE SALLES.....	65
4.1.2 A PROPOSTA PARA O INGLÊS E PARA O PB.....	67
4.2 VERBOS INCOATIVOS NO PB.....	72
4.2.1 INCOATIVOS DO TIPO DE ‘APODRECER’.....	75
4.2.2 INCOATIVOS DO TIPO DE ‘QUEBRAR’.....	85
4.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	89

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

O principal objetivo desta dissertação é analisar e discutir a alternância causativo-incoativa no português brasileiro (doravante PB). Como ponto de partida para propor este tipo de alternância, retomo a discussão de Hale & Keyser (1993) sobre a estrutura relacional lexical¹ (doravante LRS) dos verbos locativos *splash* e *smear* no inglês. Estes dois verbos indicam uma mudança de locação de uma entidade, conforme exemplos a seguir:

(1) a. The pigs splashed **mud** on the wall.

b. **Mud** splashed on the wall.

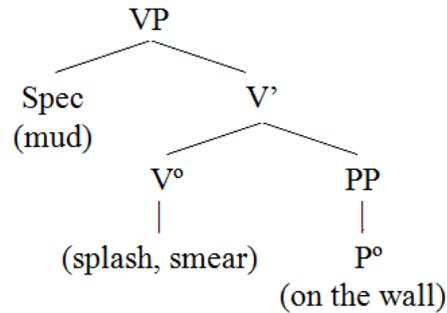
(2) a. We smeared **mud** on the wall.

b. ***Mud** smeared on the wall.

As construções em (a) acima são, aparentemente, idênticas, pois ambas possuem a mesma estrutura transitiva, [DP1 V DP2 PP]. Ademais, podem ser representadas com a mesma LRS, como em (3) abaixo:

¹ Conforme Hale & Keyser (1993, p. 53): *Lexical Relational Structure*.

(3)



Embora haja semelhanças quanto à estrutura sintática, veremos mais adiante que há diferença no componente semântico. Mesmo no componente sintático, observa-se que há sim comportamento distinto, mais precisamente, enquanto a sentença em (1a) alterna na forma [DP2 V PP], a sentença em (2a) não é capaz de fazê-lo.

Acompanhando a proposta de Hale & Keyser (1993), assumirei que todas as relações entre um núcleo e suas projeções ocorrem na sintaxe.² Além disso, afirma-se que é por meio destas relações que os argumentos são projetados e os papéis temáticos são atribuídos. Para os autores, a possibilidade de alternância de um verbo é determinada no nível sintático. Ora, se esta postura estiver mesmo correta, como explicar o fato de duas sentenças

² Segundo Hale & Keyser (1993, p. 53), “(...) *each lexical head projects its category to a phrasal level and determines within that projection an unambiguous system of structural relations holding between the head, its categorial projections, and its arguments (specifier, if present, and complement).*”

transitivas, sintaticamente idênticas, apresentarem comportamentos distintos em face da alternância verbal? A presente investigação começa a partir deste questionamento.

Hale & Keyser (1993) assumem que tanto os verbos de mudança de locação quanto os verbos deadjetivais (incoativos) podem licenciar a alternância. Estes verbos possuem núcleos predicadores P° e A°, respectivamente. Logo, tais núcleos podem projetar a posição de [Spec-VP], condição crucial para o licenciamento da alternância. No entanto, apesar de as sentenças em (1a) e (2a) possuírem, essencialmente, a mesma LRS, elas não exibem o mesmo comportamento em face da alternância intransitiva. Isso evidencia que não é a projeção de [Spec-VP] por si só que determina a alternância. Tendo em conta este fato, os autores (*op.cit.*) afirmam, então, que o que licencia tal alternância é a presença do componente semântico *manner* na estrutura argumental das sentenças em (1). Sendo assim, este componente, quando licenciado internamente ao VP, é coindexado com o argumento interno projetado em [Spec-VP]. Neste caso, *manner* funciona como um modificador adverbial do evento representado pelo verbo, licenciando a alternância. Por outro lado, se esse componente é licenciado fora da LRS, mais precisamente, coindexado com o agente, a alternância não ocorre.

Identificar os fatores que levam um verbo locativo como *splash* a participar de uma construção transitiva e intransitiva tem sido tema de intenso debate no âmbito de diversas teorias. A hipótese que assumirei, no decorrer deste trabalho, para dar conta dessa alternância e, em seguida, da alternância incoativa no PB é a de que o componente *manner*, proposto por Hale & Keyser (1993), corresponde ao traço aspectual [+incoativo]. Este traço motiva a projeção do núcleo aspectual, Asp^o, o qual requer um argumento [+afetado] em [Spec-VP]. A consequência imediata que esta proposta traz para nossa análise é que o predicado que carrega esses traços possui uma leitura [+télica]. Outra consequência é que o argumento externo desse tipo de verbo poderá ser tanto um agente direto como um agente indireto,³ conforme demonstram os dados a seguir:

- (4) a. Maria respingou água no chão *intencionalmente*.
b. Maria respingou água no chão *com o tropeção que levou*.
c. O balde respingou água no chão.
d. Água respingou no chão.

³ Nesta pesquisa, adoto o termo ‘agente direto’ em relação ao argumento externo que possui a propriedade semântica [+controle]; e ‘agente indireto’ em relação ao argumento que possui a propriedade semântica [-controle].

Notem que, em (4a) acima, *Maria* é agente direto de ‘respingar a água’. Ou seja, ela possui controle sobre a ação de respingar. Contudo, o que podemos perceber em (4b) é que *Maria* não age diretamente sobre o evento de ‘respingar a água’. Neste caso, *Maria* não possui o controle sobre a ação de respingar. Em sendo assim, verbos do inglês, como *splash*, e verbos do PB, como ‘respingar’, podem ocorrer tanto com agente direto como com agente indireto.

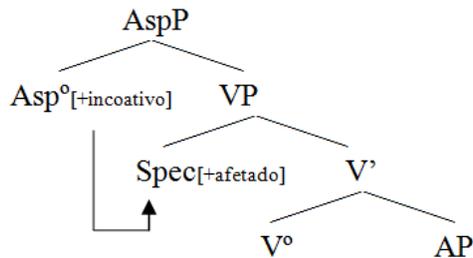
Contrariamente, verbos locativos como *smear* não portam o traço aspectual [+incoativo]. Por isso, Asp^o não é projetado e um agente direto é, necessariamente, introduzido na posição de argumento externo, bloqueando, dessa maneira, a alternância. Os dados do PB arrolados a seguir ilustram essa afirmação:

- (5) a. Maria passou manteiga no pão.
- b. *O pote passou manteiga no pão.
- c. *Manteiga passou no pão.

Quanto aos verbos incoativos no PB, eles, geralmente, são formados a partir de um adjetivo. De acordo com Oliveira (2009), no processo de formação destes verbos, tratada em mais detalhe no capítulo 3, a raiz de natureza adjetival pode juntar-se a afixos verbalizadores e aspectuais, como é o caso de *empobrecer* e *apodrecer*. A hipótese considerada, nesta pesquisa, é a de que o

morfema incoativo {-ec-}⁴ é a realização na morfologia do traço aspectual [+incoativo]. Por esta razão, tal morfema nos autoriza propor a existência de um núcleo aspectual Asp° imediatamente acima da projeção VP. Neste sentido, recorreremos também à teoria de Hale & Keyser (2002) sobre a operação *conflation*. Consoante os autores, é por meio desta operação que núcleos fonologicamente vazios (totalmente ou parcialmente) atraem a matriz fonológica do núcleo de seu complemento, dando origem a uma palavra. A configuração arbórea que representa a LRS de um verbo incoativo, acrescida do núcleo Asp°, é demonstrada em (6):

(6)



Para dar conta de analisar o tipo de argumento externo (agente direto ou agente indireto) das estruturas causativo-incoativas, assumo com Kratzer (1996)

⁴ A maioria dos verbos incoativos, no PB, é formada pelo processo de derivação parassintética, que consiste na adição simultânea de morfemas prefixal e sufixal à raiz verbal, expressando um único significado. Esse processo, segundo Spencer (1991, p. 13), consiste em *afixos descontínuos*: {a/en ... ec}.

que a projeção desse argumento ocorre externamente à LRS, pelo núcleo funcional Voice°. A opção por esta teoria em detrimento a uma teoria que prevê apenas o núcleo v° acima de VP se justifica pelo fato de Voice° ser funcional. Esta intuição dá conta de prever a adição do núcleo sintático funcional, Asp°, entre VP e Voice°, o qual será crucial para o desenvolvimento da análise que defendo nesta dissertação. Além disso, assumo que esse núcleo carrega um traço semântico [controle] que, por exigência da predicação, pode estar ativo ou não, projetando, assim, um argumento externo com a propriedade semântica [+controle] ou [-controle]. Ou seja, um agente direto ou um agente indireto.

A pesquisa que aqui se apresenta é de caráter qualitativo. Destarte, os dados analisados são intuitivos ou coletados de trabalhos existentes na literatura linguística. A hipótese que defendo ancora-se em pressupostos advindos da Teoria Gerativa, bem como da Semântica Formal. Busco, a partir de então, alcançar uma resposta unificada para as seguintes indagações:

- (i) Que relação existe entre o componente *manner*, proposto por Hale & Keyser (1993) para verbos locativos no inglês, e os traços aspectuais dos verbos incoativos no PB?
- (ii) Qual é o estatuto desse componente e como ele opera sobre a alternância sintática?
- (iii) Qual é a consequência desse componente para a alternância verbal incoativa?

Para responder às perguntas acima, esta dissertação divide-se em **5** capítulos. O **capítulo 1**, aberto por esta introdução, destina-se aos objetivos e às hipóteses preliminares. No **capítulo 2**, apresento o aporte teórico que sustentará a análise. No **capítulo 3**, descrevo o fenômeno dos verbos alternantes causativo-incoativos, bem como as propriedades dos verbos intransitivos inacusativos e incoativos. A proposta teórica é inserida no **capítulo 4**. Por fim, no **capítulo 5**, estão as considerações finais sobre a investigação.

CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, tenho por objetivo apresentar os pressupostos que dão suporte à análise a ser desenvolvida no capítulo 4. Para isso, este capítulo divide-se em quatro seções, a saber: na seção **2.1**, apresento alguns estudos sobre a formação dos verbos incoativos no PB; na seção **2.2**, descrevo a relevância do aspecto verbal, bem como o comportamento dos afixos aspectuais, codificados em núcleos funcionais; na seção **2.3**, apresento a proposta de Kratzer (1996) sobre o núcleo funcional que projeta o argumento externo: Voice^o; por fim, na seção **2.4**, encontra-se a conclusão do capítulo.

2.1 FORMAÇÃO DOS VERBOS INCOATIVOS NO PB

Nesta seção, descrevo algumas teorias sobre a derivação de verbos no PB, especialmente, dos verbos incoativos. Destaco também o valor aspectual dos morfemas que podem ser juntados a uma raiz de natureza adjetival ou nominal, contribuindo, efetivamente, para o sentido básico do item.

Etimologicamente, o termo incoativo traduz um sentido de “iniciar” ou de “conversão de uma configuração em outra”, conforme postulado por Chafe (1979, p. 124). No inglês, segundo este autor, o aspecto incoativo realiza-se de diversas maneiras. Ele pode ser morfológicamente expresso por meio do sufixo {-en}, como em *wide/widen* (largo e alargar), ou por meio de formas distintas,

como *hot* (quente) e *heat* (esquentar). Contudo, ainda é possível não haver nenhuma representação distintiva do aspecto incoativo nesta língua, como é o caso de *open/open* (abrir e aberto). No PB, o traço [+incoativo] também se realiza de formas distintas. Tal traço pode ser morfológicamente expresso pelo morfema {-ec-}, como em apodrecer, empobrecer, amolecer, anoitecer, ou estar num morfema zero, como em quebrar, secar, assar. Tomando por base essa intuição, assumirei, doravante, que o morfema incoativo {-ec-}, morfológicamente realizado ou não, tem como função converter uma raiz que intrinsecamente denota estado em uma forma derivada que denota processo.

A derivação de palavras, no PB, é marcada por ‘irregularidade e imprevisibilidade’(cf. Câmara Jr, 1970). Por exemplo, quando a Gramática Tradicional (GT) faz alusão ao gênero dos substantivos, ela mostra que há hesitações quanto à escolha do sufixo e à possibilidade de ocorrência de itens lexicais distintos para expressar o feminino de certos substantivos. Essa anomalia vem atestar a regra de derivação se aplicando. Adicionalmente, o autor (*op.cit.*) afirma que a derivação é pontuada na língua portuguesa pela: (i) **irregularidade** – os morfemas derivacionais apresentam-se de maneira irregular e assistemática; (ii) **não-concordância** – os morfemas derivacionais não são exigidos pela natureza da frase; e (iii) **opcionalidade** – os morfemas derivacionais podem ser usados ou não, de acordo com a intenção do falante.

Esse processo de derivação é conhecido na literatura como *derivatio voluntaria* e remonta a Varrão (116 a.C – 26 a.C). Para Câmara Jr, tal processo cria novas palavras e remete ao esclarecimento do caráter desconexo e fortuito que a derivação apresenta. Segundo o autor,

As palavras derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere. De *cantar*, por exemplo, deriva-se *cantarolar*, mas não há derivações análogas para falar e gritar, outros dois tipos de atividade da voz humana. Os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso. Acresce a possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar o vocábulo derivado. Foi ela que sugeriu a Varrão o adjetivo *voluntaria*. (CAMARA JR, 1970, p. 71).

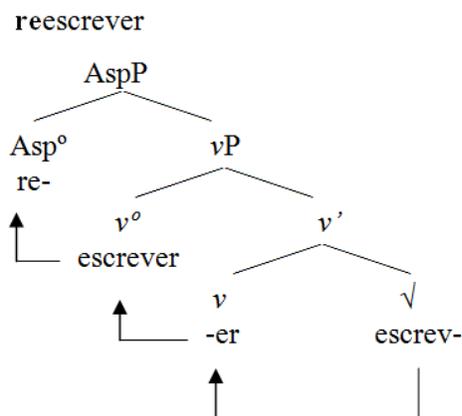
É o processo *derivatio voluntaria* que nos permite explicar a derivação dos verbos no PB, em especial, dos incoativos, que ora apresentam morfema aspectual {-ec-}, como em empobrecer, amadurecer, apodrecer, etc., ora aparecem sem este morfema, como em secar, assar, abrir, etc.

No intuito de compreender como esse processo ocorre no PB, apresento, na próxima subseção, a proposta de Oliveira (2009) sobre a formação de alguns verbos, destacando a importância dos afixos aspectuais.

2.1.1 A PROPOSTA DE OLIVEIRA (2009)

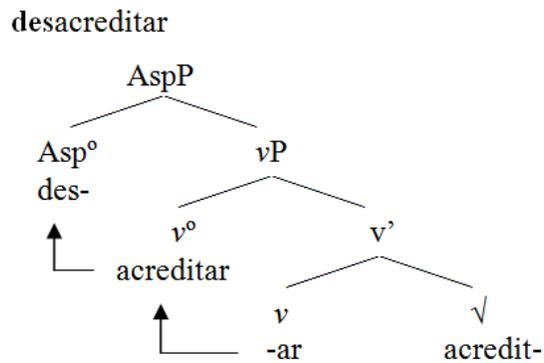
Apoiando-se na Morfologia Distribuída e em Marantz (2001, 2007), Oliveira (2009) afirma que, no processo de derivação de uma palavra, “as raízes são acategoriais e, na sintaxe, são concatenadas com núcleos funcionais doadores de categoria (v, n, a). A realização fonológica desses núcleos doadores de categoria é tipicamente um afixo derivacional.” (OLIVEIRA, 2009, p. 51). Considerando que afixos contêm traços morfossintáticos e semântico-aspectuais, um núcleo funcional, Asp° , quando inserido na projeção sintática, permite o relacionamento entre a estrutura sintática e a estrutura semântica. Seguem exemplos, adaptados de Oliveira (2009), de como ocorre a derivação de alguns verbos no PB, contendo um nível adicional, Asp° , para alocar os afixos aspectuais:

(1)



Na configuração em (1) acima, notem que a raiz verbal é retirada do léxico e se junta a *v*. O composto formado por [$\sqrt{+v}$] move-se em seguida para o núcleo v° e, desse núcleo, move-se para Asp° e se une ao prefixo *re-*, o qual é portador do traço aspectual [+iterativo]. Dessa maneira, ocorre a derivação do verbo reescrever. Em (2) abaixo, temos a demonstração de um verbo com prefixo aspectual *des-*:

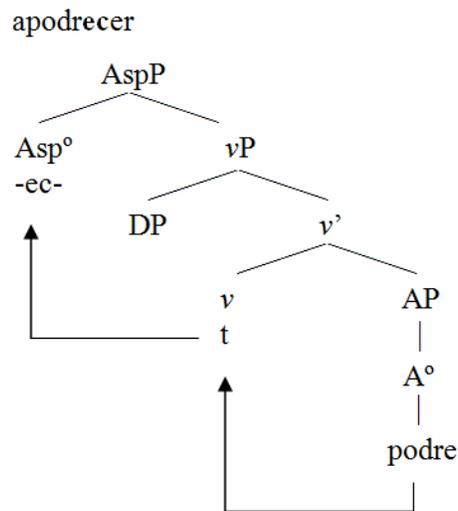
(2)



Na derivação de *desacreditar*, representada em (2) acima, a raiz é retirada do léxico e se junta a *v*. Em seguida, move-se para o núcleo v° , formando o verbo *acreditar*. O composto formado por [$\sqrt{+v}$] move-se para o núcleo Asp° , juntando-se ao prefixo *des-*, o qual carrega o traço aspectual [+oposição]. Completados todos esses movimentos, obtém-se a derivação do

verbo desacreditar. A seguir, é representada a formação do verbo apodrecer, contendo o morfema aspectual incoativo {-ec-}:

(3)



Notem que a derivação do verbo apodrecer, em (3) acima, ocorre por meio de movimento sucessivo dos núcleos: o adjetivo *podre* é projetado em A° e move-se para v° , adjungindo-se aos verbalizadores *a-* e *-er*. Em seguida, o composto formado por $[v^\circ + A^\circ]$ move-se novamente, para o núcleo Asp° , juntando-se ao morfema {-ec-}, o qual porta o traço aspectual [+incoativo/inceptivo].

Tendo em contas os dados analisados acima, percebemos que os traços aspectuais de um verbo podem realizar-se morfologicamente por meio de afixos que carregam sentido aspectual específico. Na derivação, estes afixos adicionam seu sentido à composição final do verbo. Para ilustrar, arrolo outros exemplos de Oliveira (2009):

(i) Sufixo aspectual {-ec-}: (aspecto incoativo/inceptivo) ligado a adjetivo⁵

Amadurecer, amarelecer, amolecer, amortecer, apodrecer, emagrecer, embranquecer, embravecer, embrutecer, empalidecer, emparvecer, empobrecer, emudecer, emurchecer, encalvecer, encarecer, endoidecer, endurecer, enegrecer, enfraquecer, engrandecer, enlouquecer, enlourecer, enobrecer, enrarecer, enrijecer, enriquecer, enrouquecer, enrudecer, ensandecer, ensoberbecer, ensurdecer, enternecer, entontecer, envelhecer, enverdecer, escurecer, umedecer, esclarecer, enaltecer.

(ii) Sufixo aspectual {-ec-}: (aspecto incoativo/inceptivo) ligado a nome

Alvorecer, amanhecer, anoitecer, embolorecer, encalecer, endentecer, enfebrecer, enflorescer, enfrutecer, enfurecer, enraivecer, ensombrecer, entalecer, entardecer, florescer, fosforescer.

⁵ Exemplos em (i), (ii) e (iii) são colhidos da Tese de Doutorado de Oliveira (2009).

(iii) Prefixo aspectual {des-}: (aspecto ação contrária/oposição)

Desabilitar, desabituar, desabonar, desacelerar, desacolher, desacostumar, desafogar, desamparar, desapropriar, desaprovar, desativar, desautorizar, descansar, descaracterizar, descasar, descentralizar, desclassificar, descontaminar, descontrair, descuidar, descumprir, deseducar, desenganar, desembaraçar, desencadear, desestabilizar, desgastar, desigualar, desintegrar, desmascarar, desmentir, desmoralizar, desobedecer, desonrar, desonerar, desorientar, destratar, desunir, desvalorizar, desvendar.

Oliveira (2009) retoma Costa (1997) para fundamentar sua argumentação sobre aspecto. Segundo Costa, “a língua portuguesa inclui no seu sistema semântico a categoria de aspecto que pode ser atualizada através de lexemas (...) ou de morfemas derivacionais (...)” (COSTA, 1997; *apud* OLIVEIRA, 2009, p. 80). Vimos até aqui que, no PB, muitos são os verbos formados pelo processo de derivação, por exemplo, **refazer**, **desfazer**, **entristecer**, **fortalecer**, entre outros.

Assim como Oliveira (2009) e Costa (1997), argumento a favor da hipótese de que o aspecto verbal realiza-se, em muitos verbos do PB, por meio de afixos derivacionais. Dessa maneira, operações sintáticas e/ou morfológicas estão envolvidas no processo da derivação, especialmente, na formação dos incoativos. Esta derivação dá-se por aplicação de regras morfológicas e se

caracteriza por apresentar restrições à produção de itens lexicais. Para melhor ilustrar esse processo, segue reproduzido o quadro de Oliveira (2009) contendo os principais afixos aspectuais no PB, com seus respectivos significados:

Quadro 1: Traços aspectuais dos afixos no PB:

TRAÇOS ASPECTUAIS	PROPRIEDADES	EXEMPLOS
1. Cursivo	Evento que está em pleno desenvolvimento ou em curso.	navegante, envolvente, poluente, figurante, etc.
2.Factivo/Causativo	Evento que leva alguém a realizar ou sofrer uma ação.	alfabetizar, amenizar, polemizar, viabilizar, etc.
3.Habitual	Evento caracterizado por período estendido de tempo.	administrador, distribuidor, navegador, vendedor, etc.
4.Incoativo	Refere-se a uma mudança de estado; liga-se à inceptividade.	florescer, enriquecer, envelhecer, empobrecer, endurecer, etc.
5.Iterativo	Evento que continua ou que se repete uma vez ou uma série de vezes.	reescrever, reabrir, redistribuir, reanimar, refazer, etc.

Reproduzido de Oliveira (2009, p. 79)

Entre os traços aspectuais descritos acima, interessa-nos mais de perto o aspecto incoativo. Para Oliveira (2009), este aspecto é resultado de derivação morfológica que denota mudança de estado refletida pelo traço aspectual incoativo do item sufixal {-ec-}, como em florescer, endurecer, empalidecer. Para a autora, tal sufixo é fundamentalmente um morfema incoativo que se une a nomes e, principalmente, a adjetivos, atribuindo-lhes o traço aspectual [+incoativo]. Os verbos formados a partir dessa operação denotam

eventualidades de mudança de estado, uma vez que o argumento interno requerido por eles adquire a propriedade expressa pelo nome ou pelo adjetivo interno à sua formação. Por conseguinte, os verbos que carregam o morfema incoativo possuem como característica a capacidade de selecionar um agente [+ ou – controle], ou seja, tanto um agente direto como um agente indireto na posição de sujeito.

Ainda, de acordo com Oliveira (2009), a presença da morfologia sufixal {-ec-} motiva a projeção do núcleo funcional Asp^o inserido na projeção sintática. Este núcleo permite que se explique a compatibilidade semântica entre os traços semântico-aspectuais dos afixos e as propriedades das raízes, contribuindo para a composicionalidade do predicado. Para a autora, os afixos possuem traços morfossintáticos e semântico-aspectuais que determinam sua inserção em uma estrutura morfológica.

Em vista do exposto até o momento, assumirei com Oliveira (2009) que os afixos derivacionais carregam significados e são responsáveis pela formação de muitos verbos no PB. Notem que os verbos portadores do morfema aspectual incoativo {-ec-} são os prototípicos verbos incoativos, ou seja, são, em potencial, verbos de “mudança de estado”. O morfema {-ec-}, presente na maioria dos verbos incoativos, que são geralmente derivados de adjetivos, é uma marca morfológica de aspecto incoativo. Isso nos autoriza postular a

existência de um núcleo Asp^o portador de traço aspectual [+incoativo] ligado à formação de verbos incoativos no PB, contribuindo, assim, para a leitura [+télica]⁶ do predicado.

Além do tipo de verbos incoativos exposto acima, existe outro grupo, como quebrar, assar, secar, que não possui afixo incoativo realizado morfologicamente em sua derivação, mas que, mesmo assim, apresenta a propriedade semântica aspectual de mudança de estado, representada por um morfema zero. Tais verbos mantêm, em um nível abstrato, o mesmo sentido de mudança de estado apresentado pelos verbos derivados por meio de morfemas aspectuais.

Como vimos, na formação dos verbos incoativos no PB, há a presença do morfema incoativo {-ec-} fonologicamente expresso ou não. A função básica deste morfema é atribuir a esses verbos o sentido de mudança. Na próxima subseção, segue a proposta de Hale & Keyser (2002) sobre a derivação desses verbos, envolvendo a operação *conflation*, e a projeção dos argumentos requeridos por tais verbos.

⁶ Segundo Wachowicz (2008, p. 57), “(...) ‘telicidade’ é o ponto final inerente e interno de um evento”.

2.1.2 A PROPOSTA DE HALE & KEYSER (2002)

Hale & Keyser (2002), em estudos sobre a estrutura argumental dos verbos no inglês, a LRS, afirmam que a matriz fonológica de um núcleo pode “adjuar-se” a um núcleo regente, por meio de uma operação sintática denominada *conflation*. Esta operação é crucial para a análise da formação de verbos e para a projeção de seus argumentos. Por isso, antes de prosseguir a análise, apresento o que os autores (*op. cit.*) propõem sobre a operação sintática denominada *conflation*.

2.1.2.1 CONFLATION

Conflation é uma operação que ocorre na derivação de estruturas sintáticas, concomitantemente com o processo de *Merge*,⁷ e se caracteriza pela fusão de núcleos sintáticos na qual a matriz fonológica de um núcleo é transferida para um núcleo regente, vazio ou afixal, dando origem a uma palavra. Esse movimento, que é um tipo de operação variante de *Mover- α* , conforma-se com o princípio que restringe o processo de incorporação sintática, mais precisamente, com a restrição de movimento de núcleo, segundo a qual um núcleo X^0 move-se somente para a posição do núcleo Y^0 mais próxima que o rege. O resultado desta operação é um verbo denominal inergativo ou

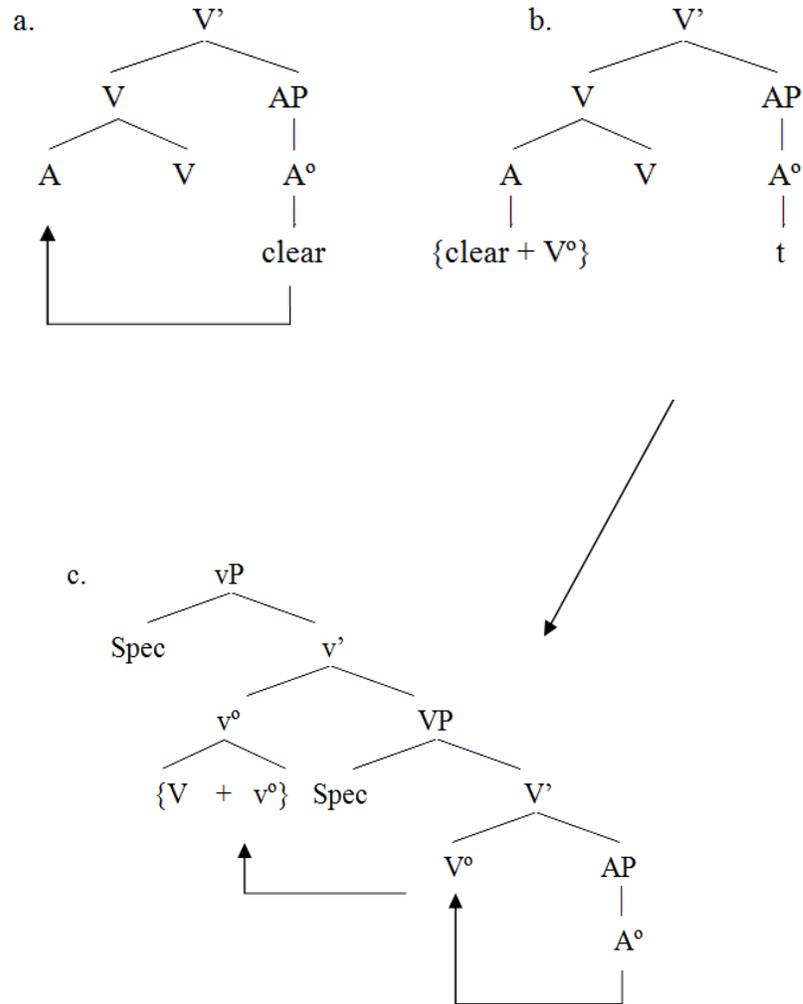
⁷ De acordo com Chomsky (1995), *Merge* é uma operação que forma objetos sintáticos (SOs), juntando outros objetos sintáticos já prontos.

denominal *locatum* e *location*, caso o núcleo que entra na operação *conflation* seja um N°. Se for um A°, o verbo resultante será deadjetival, e assim por diante.⁸ Dessa forma, um verbo “vazio” adquire a matriz fonológica do núcleo por ele selecionado (V°, N°, A°).

Para Hale & Keyser (2002), a derivação dos verbos deadjetivais do inglês – verbos que indicam mudança de estado – ocorre da seguinte maneira: (i) o adjetivo é inserido no núcleo da projeção AP; (ii) em seguida, move-se para o núcleo V° regente, formando um composto de [A°+V°]; e (iii) o composto novamente se move para o núcleo V° mais alto que não se encontra realizado fonologicamente (em algumas línguas, este núcleo pode conter afixos derivacionais com os quais o verbo vai amalgamar-se). Para ilustrar essa discussão, segue a representação da formação do verbo deadjetival, *clear*, no inglês:

⁸ Conforme Hale & Keyser (2002, p. 47), *Conflation (...) ‘fusion of syntactic nuclei’ that accounts for derivations in which the phonological matrix of the head of a complement (say, N) is inserted into the head, empty or afixal, that governs it, giving rise to a single word (a denominal verb, where the conflating head is N; a deadjetival verb, where the conflating head is A; and so on).*”

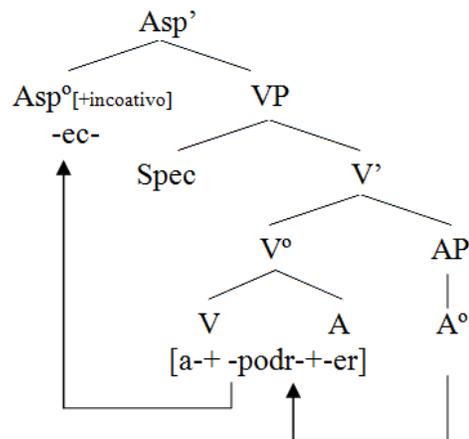
(4)



No PB, os verbos deadjetivais são formados por processo de derivação no qual, geralmente, há afixos e verbalizadores visíveis na morfologia. A seguir, há a representação da derivação do verbo apodrecer no PB. Notem que, neste exemplo, seguindo as intuições de Oliveira (2009), adiciono à estrutura

argumental o núcleo Asp° , o qual vem, morfológicamente, realizado por meio do morfema {-ec-}, conforme mostra o exemplo em (5):

(5)



Em (5) acima, o adjetivo *podre* é inserido em A° . Em seguida, move-se para núcleo V° e se junta aos verbalizadores (a-; -er), formando o complexo [$A^{\circ}+V^{\circ}$] que, em um terceiro momento, se move para Asp° e apanha o traço aspectual inchoativo presente no morfema {-ec-}.

Na seção 2.1, seguindo Oliveira (2009) e Hale & Keyser (2002), descrevi a formação dos verbos inchoativos no PB e como o afixo aspectual contribui para o estado resultante desta formação. Na seção seguinte, apresento algumas definições sobre aspecto e argumento a favor da existência de um

núcleo funcional projetado na sintaxe imediatamente acima de VP. Vejam que este núcleo codifica o traço aspectual [+incoativo] da sentença. Conforme veremos em mais detalhe no capítulo 4, será a presença do traço aspectual [+incoativo] que permite a leitura [+télica] e que licencia a alternância verbal.

2.2 O ASPECTO VERBAL E O NÚCLEO SINTÁTICO FUNCIONAL

Esta seção divide-se em duas subseções. Na subseção 2.2.1, apresento algumas definições de aspecto existentes na literatura. Já na subseção 2.2.2, descrevo a projeção de núcleo funcional projetado por afixos aspectuais, bem como a contribuição deste núcleo na interpretação semântica da sentença e na seleção de argumentos.

2.2.1 O ASPECTO VERBAL

O termo aspecto é usado, por alguns teóricos, para fazer referência a tempo. Para outros, refere-se à noção de especificidade, à ação conclusa ou inconclusa, à mudança de estado, entre outras. Muitos são os traços aspectuais que um verbo pode carregar. De acordo com Câmara Jr (2001), o aspecto pode ser perfectivo (concluso) ou imperfectivo (inconcluso). Todavia, independentemente do tempo, o aspecto é uma categoria linguística que apresenta a ação verbal em si, que pode ser: (i) instantânea – aspecto pontual;

(ii) durativa, ação contínua ou repetida – aspecto durativo; (iii) iniciada – aspecto incoativo; e (iv) conclusa – aspecto conclusivo.

Já Dubois (1991) define aspecto como “uma categoria gramatical que exprime a representação que o falante faz do processo expresso pelo verbo, isto é, a representação de sua duração, do seu desenvolvimento ou do seu acabamento (...)” (DUBOIS, 1991: p.73). Para Whaley (1997), “aspecto é um mecanismo que permite a um falante conceituar uma qualidade temporal de um evento de diferentes maneiras.”⁹ (WHALEY, 1997, p.210).

Em Wachowicz & Foltran (2005), a noção de aspecto faz referência a diversos fatos linguísticos que afetam a interpretação de uma sentença. As autoras pontuam que o aspecto envolve dois domínios: o domínio do aspecto gramatical e do aspecto lexical. Este último está relacionado a classes acionais¹⁰ (*Aktionsart*)¹¹ e se liga a propriedades lexicais que são caracterizadas por morfologia derivacional ou podem não apresentar qualquer morfologia lexical. A oposição **télico**, evento com ponto final conhecido, vs. **atélico**, evento em andamento, localiza-se nesse nível, como demonstram os exemplos abaixo:

⁹ Texto original: “Aspect (...) is a mechanism that permits a speaker to conceptualize a temporal quality of an event in different ways.” (WHALEY, 1997, p. 210).

¹⁰ O termo “classes acionais” é utilizado em vários estudos, como por exemplo, Cherchia (2003) e Wachowicz & Foltran (2005), em detrimento a “classes aspectuais.”

¹¹ *Aktionsart is a property of (mostly verbal) predicates. It concerns the internal temporal constituency of a (type of) situation denoted by a given predicate (cf. BACHE, 1985: 10).*

(6) João lavou o carro *em cinco minutos*. (télico)

(7) João puxou a caixa *por cinco minutos*. (atélico)

As classes acionais apresentam uma divisão que remonta a Aristóteles, motivo este que levou Chierchia (2003) a tratá-las como “classificação aristotélica”. Mais tarde, esta classificação foi reformulada por Ryle (1949) e retomada por Kenny (1963). Contudo, foi em Vendler (1967) que tais classes ganharam a mais ampla reformulação, tornando-se a mais utilizada pela literatura linguística. Para Vendler, diferentes esquemas de tempo são alcançados por meio das quatro classes: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.¹² Estados são predicados que denotam propriedades ou circunstâncias não-dinâmicas. Já atividades são eventos dinâmicos. *Accomplishments* remetem-nos à causação, e *achievements* são predicados que indicam mudança de estado ou circunstância dinâmica. Para melhor compreensão, seguem exemplificados os esquemas temporais:

(8) João nada bem.

(9) João abriu a porta.

(10) A porta abriu.

(11) A porta está aberta.

¹² Embora estes termos tenham tradução em alguns trabalhos no PB, mantenho os termos originais *accomplishment* e *achievement*.

Em (8) acima, temos uma atividade ‘nadar’, ou seja, um processo que se desenvolve no tempo. Os verbos de atividades são verbos agentivos e representam respostas compatíveis com pergunta do tipo “o que João faz?”. Notem que em (9), (10) e (11) pode-se capturar uma relação entre os três esquemas: *accomplishment*, *achievement* e estado. A sentença em (9) é um *accomplishment* e poderia ser parafraseada como “João fez alguma coisa que causou a porta *ficar aberta*. *Accomplishments* são predicados complexos, pois envolvem dois eventos – o evento da causação e o evento causado – que podem acarretar *achievements*, conforme representado em (10). Similarmente, *achievements* podem acarretar estados, como representação em (11), na qual a porta se encontra em um estado de ‘estar aberta’.

O aspecto verbal, em muitas línguas, pode vir realizado na morfologia por meio de afixos. Diante disso, na próxima seção, descrevemos o comportamento destes afixos quando juntados a verbos.

2.2.2 O NÚCLEO SINTÁTICO FUNCIONAL

Muitos estudos apontam que os afixos aspectuais estão diretamente conectados com a interpretação semântica de uma sentença. Uma evidência disso vem de estudos desenvolvidos por Gehrke (2008) sobre as línguas eslavas. Segundo estes estudos, nestas línguas, o aspecto verbal é, geralmente,

codificado na morfologia. No russo, por exemplo, o verbo ‘pisat’ (to write) é imperfectivo. No entanto, este verbo pode ter seu sentido básico alterado mediante a introdução dos prefixos *pod-*, *po-* e *za-*, como exemplificam os dados a seguir:

- (12) a. pf. **pod-**pisat’ ‘to sign’ (lit.: under-write)
 b. pf. **po-**pisat’ ‘to write (for a while)’
 c. pf. **za-**pisat’ ‘to (begin to) write’

(GEHRKE, 2008, p. 1667).

Os dados acima demonstram que o prefixo *pod-*, em (12a), altera o sentido básico do verbo ‘pisat’, adicionando-lhe o sentido de ‘escrever em’. Neste caso, o prefixo interfere na estrutura argumental do verbo, adicionando um argumento à sentença. Já em (12b), o prefixo *po-* delimita o sentido do verbo, transmitindo, aproximadamente, o sentido temporal de ‘por um tempo’. Finalmente, em (12c), o prefixo *za-* acrescenta ao mesmo verbo o sentido de ‘começar a’, ‘iniciar’. Consoante a análise acima, a aplicação de um afixo ao verbo pode afetar tanto a estrutura argumental como a semântica de um verbo.¹³

¹³ Segundo Gehrke (2008, p. 1668), no russo: “... *the application of an internal prefix can alter the argument structure of the verb, i.e. add or delete an argument, change the thematic role or license different case requirements.*”

(a)	pf. dat’	komu	čto	‘to give	who.DAT	what.ACC’
(b)	pf. iz-dat’	(* komu)	čto	‘to publish	(*whom)	what’

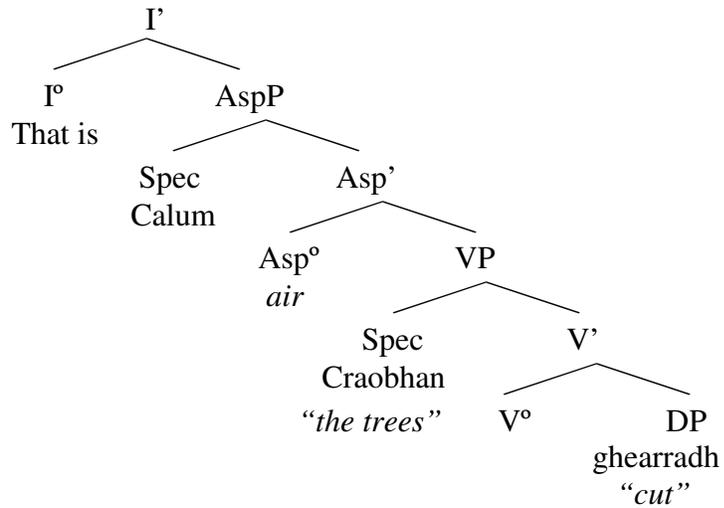
Ainda sobre prefixos aspectuais do russo, Ramchand (2008) assume uma abordagem sintático-semântica que integra aspecto e estrutura do evento. Ela afirma que o sentido aspectual imposto por esses prefixos divide os verbos em duas subclasses com relação ao sistema de tempo: perfectivos e imperfectivos. Os prefixos lexicais formam uma das subclasses, ao passo que a outra é formada pelos prefixos superlexicais. Enquanto os lexicais interagem com o significado lexical básico do verbo e criam novas descrições do evento, os superlexicais têm efeito adverbial, modificando a raiz com a qual eles combinam. Em síntese, podemos considerar que noções aspectuais, como telicidade/atelicidade, perfectividade/imperfectividade, delimitação/não-delimitação, são alguns dos efeitos semânticos alcançados por tais prefixos.

Outra língua com morfologia aspectual codificada por afixos é o gaélico escocês. Nesta língua, a ordem básica da sentença é VSO. De acordo com Ramchand (1997), existe uma correlação entre a estrutura sintática e a interpretação semântica. A autora mostra que a distribuição de marcadores aspectuais interfere diretamente na semântica e na estrutura da sentença. Estes marcadores – por exemplo, *air/a* – são codificados no núcleo aspectual Asp°, conforme exemplos a seguir:

- (13) a. tha Calum **air** na craobhan a ghearradh.
 be.Pres Calum Asp the trees.Dir OAgr cut.VN
 ‘Calum has cut the trees.’

(RAMCHAND, 1997; *apud* BUTT, 2006, p. 193)

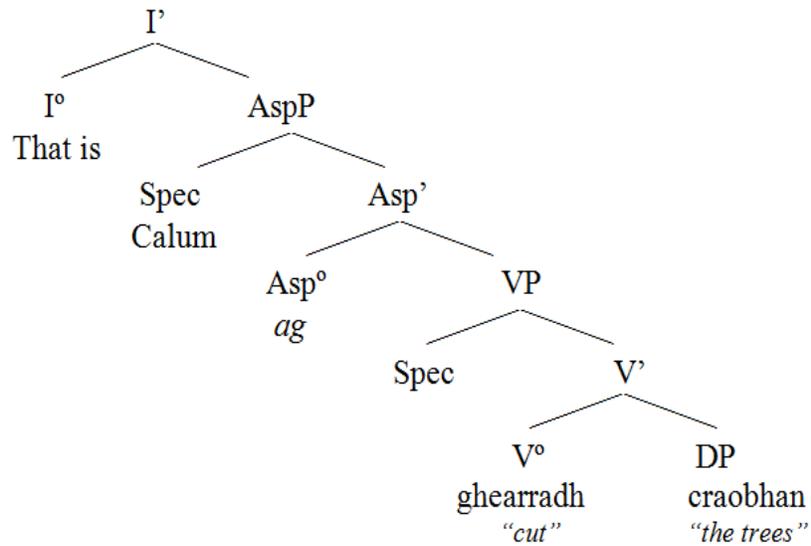
b.



(RAMCHAND, 1997; *apud* BUTT, 2006, p. 194)

- (14) a. tha Calum a' gherradh nan craobhan
 be.Pres Calum Asp cut.VN the trees.Gen
 ‘Calum is cutting the trees (no tree has necessarily been cut yet).’
 (RAMCHAND, 1997; *apud* BUTT, 2006, p. 193)

b.



(RAMCHAND, 1997; *apud* BUTT, 2006, p. 194)

Notem que, de acordo com Ramchand (1997), a distribuição das partículas aspectuais correlaciona-se com a posição dos objetos nas sentenças acima, promovendo a alternância de Caso no gaélico escocês. Em (13), a interpretação delimitada do evento é resultante da combinação da partícula *air*

com a posição pré-verbal do objeto, indicando que a mudança de estado ocorreu completamente – todas as árvores foram cortadas. Já na interpretação não-delimitada, em (14), o objeto encontra-se em uma posição pós-verbal e co-ocorre com a partícula *a*. Neste caso, a mudança de estado não se completa – *Calum* tem cortado as árvores, mas não necessariamente elas têm sido cortadas ainda. Para a autora, essa diferença na interpretação semântica dos objetos resulta da interação semântica entre o núcleo Asp^o e a posição estrutural do objeto.

Outra interessante discussão sobre núcleos funcionais é encontrada em Vieira (2010). A autora descreve e discute construções aplicativas presentes em três línguas indígenas brasileiras: Paumari (família Arawá), Guarani e Tupinambá (família Tupi-Guarani). Nestas construções, há a adição de um afixo à morfologia verbal com a função de licenciar um segundo objeto para a sentença. Segundo a autora,

A investigação das estruturas aplicativas é importante não só para a descrição e análise da morfologia e sintaxe dessas línguas, mas também para a questão de cunho teórico sobre o papel dos núcleos funcionais no licenciamento de argumentos. (VIEIRA, 2010, p.143-144).

A discussão acima pode ser ilustrada com uma construção aplicativa do Tupinambá. Nesta língua, segundo Vieira (2010), o prefixo causativo

comitativo {-ro} adicionado a verbos intransitivos licencia um objeto na sentença, conforme representado em (15) a seguir:

(15) a. a-ro-pytá **ygara**

1sg-APL-ficar canoa

‘Eu parei (com) a canoa’

b. a-ro-ker **aoba**

1sg-APL-dormir roupa

‘Eu durmo (com) a roupa’

(LEMOS BARBOSA, 1956; *apud* VIEIRA, 2010, p. 153).

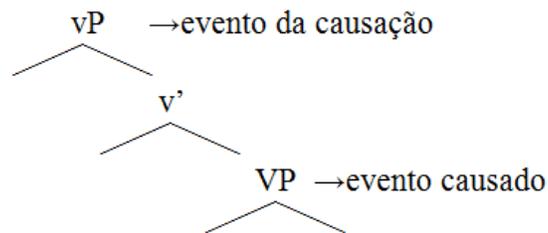
Em virtude do exposto acima, podemos afirmar que os afixos adicionados a verbos desempenham importante papel no nível da sintaxe, selecionando argumentos e atribuindo a eles papel temático ou valorando Caso. No caso do PB, a hipótese que estou a assumir é a de que o morfema derivacional {-ec} presente em verbos incoativos, fonologicamente realizado ou não, motiva a projeção de um núcleo funcional, Asp^o, cuja função é codificar o traço aspectual [+incoativo]. Este traço exige a projeção de um DP [+afetado] em [Spec-VP], resultando em um predicado [+télico]. É essa operação que libera a alternância incoativa no PB. Adicionalmente, o núcleo Asp^o também cumpre a função de relacionar o evento causado ao argumento externo (evento da causação).

As duas seções anteriores foram dedicadas à estrutura argumental do verbo. Já na próxima seção, retomo a teoria que Kratzer (1996) propõe para motivar que o núcleo que projeta o argumento externo é Voice°, e não o verbo.

2.3 KRATZER: DO LICENCIAMENTO DO ARGUMENTO EXTERNO

As construções causativas possuem uma estrutura bieventiva, envolvendo o evento da causação e o evento causado. Este fato é uma forte motivação para propor a estrutura bipartida do VP, a concha v-VP. A proposta de uma estrutura mais articulada surgiu com Larson (1988) para dar conta de certas propriedades das construções com objeto duplo; sendo desenvolvida mais tarde, com mais detalhe, por Hale & Keyser (1994), depois por Chomsky (1995), dentre outros. Esta teoria pode ser ilustrada como em (16):

(16)



A estrutura em (16) acima é a representação dos dois níveis do sintagma verbal: o nível vP e o nível VP. Ao nível vP, relaciona-se o evento de causação e a projeção do argumento externo. Esta estrutura bipartida, assumida em trabalhos recentes, é composta de um verbo leve localizado em v° e de um verbo lexical localizado em V°. Por meio da operação *conflation*, V° tem sua matriz fonológica transferida para v°, resultando, assim, verbos causativos. De acordo com Lopes (2009), “(...) a estrutura bipartida do VP permite explicação para construções diversas interlinguisticamente, como construções causativas, verbos bitransitivos e verbos complexos (...)” (LOPES, 2009, p. 222).

Nesta pesquisa, o objeto de análise é a alternância causativo-incoativa. Para tanto, faz-se necessário escolher um aporte teórico que dê sustentação à análise que se propõe. Por razões que se tornarão mais claras no decurso desta seção, opto pelas assunções de Kratzer (1996) sobre a estrutura bipartida do VP, composta pelo VP lexical e pelo núcleo funcional Voice° em detrimento ao núcleo v°.

Em consonância com Marantz (1984), Kratzer (1996) argumenta a favor de o argumento externo não ser argumento selecionado pelo item verbo. Para a autora, tal argumento é introduzido via predicação e tem seu papel temático atribuído pela predicação VP ou AP.

Assumindo-se que é possível associar uma regra de composição semântica especial em configurações sintáticas que combinam um V e um NP dentro de VP, torna-se possível adicionar um argumento agente. Os dados do inglês e do PB representados em (17) e (18), respectivamente, são importantes para dar suporte a esta alegação, pois eles demonstram claramente que o argumento externo não interfere na interpretação do sentido do verbo. Como observado por Marantz (1984), é o argumento interno que desencadeia sentido particular a seu verbo:

- (17) a. kill a cockroach.
- b. kill a conversation.
- c. kill an evening watching TV.
- d. kill a bottle.

(MARANTZ, 1984; *apud* KRATZER, 1996, p. 114).

- (18) a. pegar a mala.
- b. pegar um ônibus.
- c. pegar o apelido.
- d. pegar no serviço.
- e. pegar a matéria.

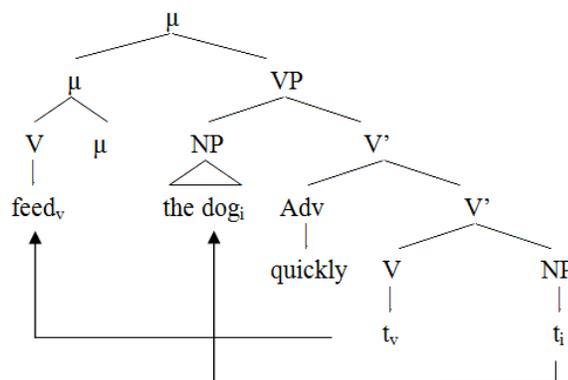
De acordo com os dados acima, nota-se que os verbos não impõem restrições ao argumento externo como impõem ao objeto. Este fato traz

evidências a favor da hipótese de que o argumento externo realmente não é uma exigência apenas de V°, e, sim, de toda a predicação.

Consoante argumentação de Kratzer (1996), teorias que assumem que o argumento externo é introduzido pelo núcleo V° lexical não dão conta de sentenças nas quais este núcleo não esteja presente, por exemplo, nas sentenças gerundivas. Por outro lado, se a projeção de tal argumento for feita por meio de um núcleo funcional, explicar-se-ia sua presença em situações de finitude verbal e sua ausência em construções com verbo não-finito.

Ao assumir que argumentos externos agentes são introduzidos pelo núcleo funcional Voice°, Kratzer (1996) apoia-se nas hipóteses de Johnson (1991). Segundo este autor, esse núcleo funcional é irmão de VP. Dessa forma, o verbo se adjunge a tal núcleo, e o objeto move-se para ter seu Caso abstrato valorado. A configuração em (19) ilustra esta afirmação:

(19)

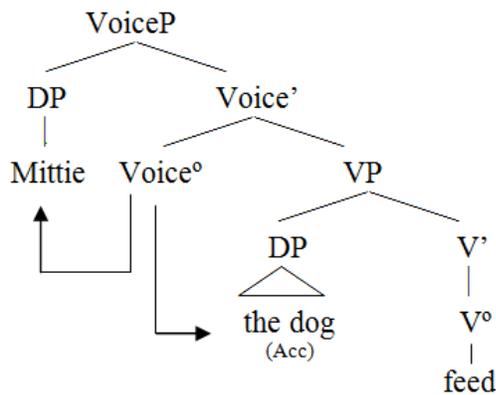


Não obstante, a proposta de Kratzer (1996) difere da proposta de Johnson (1991) quanto ao movimento do verbo. Para Kratzer, o objeto não precisa mover-se para ter seu Caso estrutural abstrato valorado. Conforme a autora,

(...) núcleos sintáticos realizam seus argumentos em sua posição de especificador na estrutura-D: argumentos externos são argumentos de Voice^o, portanto, são gerados em [Spec-VoiceP]. Objetos diretos são argumentos de V^o, por isso, são gerados em [Spec-VP].¹⁴ (KRATZER, 1996, p. 120).

A configuração arbórea, em (20) abaixo, busca ilustrar a proposta da autora:

(20)



¹⁴ Texto original: “(...) heads syntactically realize their arguments in their specifier position at D-structure: external arguments are arguments of Voice, and hence are base-generated in SPEC of VoiceP. Direct objects (of verbs) are arguments of V, and hence are base-generated in SPEC of VP.” (KRATZER, 1996, p. 120).

Para Kratzer (1996), fica assentado, então, que o núcleo funcional Voice^o introduz o argumento externo agente. Porém, a questão que emerge é como dar conta de argumentos não-agentes que são projetados na posição de sujeito. A solução, segundo a autora, seria assumir que existem, em inglês, dois tipos de Voice^o,¹⁵ um ativo e outro não-ativo. A função do núcleo Voice^o ativo seria adicionar argumentos externos agentes e valorar Caso acusativo. Enquanto isso, o núcleo Voice^o não-ativo não exerceria nem uma função nem outra, e o sujeito projetado por esse núcleo compartilharia algumas propriedades com sujeitos de inacusativos que, geralmente, recebem o papel temático de tema ou afetado. Em sendo assim, há uma conexão entre o papel temático que o argumento externo apanha e o *Aktionsart* de um verbo, que se efetiva quando há compatibilidade entre os dois predicados que estão sendo ligados via traços aspectuais.

Tomando por base as considerações sobre a teoria que Kratzer assume, a hipótese que estou a assumir nesta dissertação é a de que Voice^o possui um traço [controle] que pode ser ativado ou não. Quando a predicação contém um verbo que seleciona, necessariamente, um DP agente, não há a projeção do núcleo Asp^o portador do traço aspectual [+incoativo]. Sendo assim, o traço

¹⁵ Segundo Kratzer (1996, p. 123), “*Suppose there are two kinds of voice heads in English: active and non-active. Active voice heads add external arguments and assign (check) accusative Case. Non-active voice heads do not add external arguments and do not assign (check) accusative Case.*”

[controle] do núcleo Voice^o encontra-se, obrigatoriamente, ativo e um argumento agente [+controle], ou seja, um agente direto, é introduzido na posição de [Spec-VoiceP]. Por outro lado, se o verbo possui como característica a capacidade de selecionar um agente indireto, o núcleo Asp^o é projetado e o traço [+controle] de Voice^o não é, obrigatoriamente, requerido. Neste caso, um argumento agente [-controle] pode ser projetado na posição de sujeito.

2.4 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Na primeira parte deste capítulo, retomei várias propostas existentes na literatura sobre a estrutura argumental do verbo. Na seção 2.1, descrevi a formação dos verbos incoativos no PB e o sentido de mudança de estado adicionado ao verbo pelo morfema aspectual incoativo {-ec-}. Em seguida, na seção 2.2, apresentei algumas propostas que consideram a importância dos afixos aspectuais na projeção de núcleos funcionais. Todas as considerações foram feitas no intuito de assumir a hipótese de que o que licencia ao PB a possibilidade de alternância incoativa é a combinação de traços aspectuais presentes no núcleo Asp^o.

Já na segunda parte, na seção 2.3, apresentei a proposta de Kratzer (1996) sobre o núcleo Voice^o que introduz o argumento externo. A escolha por esta teoria se justifica pelo fato de Voice^o ser um núcleo funcional e ser

projetado pela predicação. Uma vez assumida esta postura, espero dar conta de explicar o tipo de argumento externo introduzido por Voice^o tanto nas construções causativo-locativas como nas construções causativo-incoativas. Logo, a hipótese é a de que Voice^o carrega um traço semântico de controle. Quando este núcleo é requerido por um predicado que carrega um verbo de natureza incoativa, tal traço não é, obrigatoriamente, ativado. Assim sendo, um argumento externo agente indireto pode ser projetado na posição de especificador desse núcleo. Contrariamente, se o predicado contém um verbo que seleciona um DP estritamente agentivo, o traço controle de Voice^o é requerido e um argumento agente direto é, necessariamente, introduzido em [Spec-VoiceP], bloqueando a alternância incoativa no PB.

As propostas e hipóteses levantadas neste capítulo sobre os traços aspectuais presentes no núcleo Asp^o, bem como a combinação destes com o traço controle de Voice^o, serão cruciais no capítulo 4, quando tratarei da alternância incoativa a que me propus analisar.

CAPÍTULO 3: VERBOS ALTERNANTES CAUSATIVO- INCOATIVOS NO PB: DESCRIÇÃO DO FENÔMENO

Neste capítulo, descrevo as relações sintático-semânticas entre as construções com verbos causativo-incoativos no PB, no intuito de identificar a estrutura argumental destes verbos, bem como compreender em qual posição estrutural os argumentos requeridos por eles são licenciados. Neste capítulo, discuto ainda as propriedades dos verbos intransitivos inergativos e inacusativos, descrevendo as semelhanças e/ou diferenças entre eles. Para tal, apoiar-me-ei em abordagens teóricas advindas da Sintaxe Gerativa e da Semântica Formal.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção **3.1**, discuto a relação que há entre construções causativas e incoativas, apresentando, brevemente, a proposta de Levin (1993) e Levin & Rappaport (1995); na seção **3.2**, apresento as propriedades dos verbos intransitivos inergativos e inacusativos/incoativos, apoiando-me em Ciríaco (2007) e Duarte e Castro (2010). Por fim, na seção **3.3**, apresento as conclusões do capítulo.

3.1 UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CAUSATIVIZAÇÃO E INCOATIVIZAÇÃO

Um tipo de alternância muito discutido na literatura é a alternância causativo-incoativa. Neste tipo de construção, observa-se que o verbo pode

figurar tanto como transitivo quanto como intransitivo. Tendo em conta este fato, o objetivo principal desta seção é fazer uma breve retomada das propostas teóricas de Levin (1993) e de Levin & Rappaport (1995) sobre esse tipo de alternância no inglês.

3.1.1 A PROPOSTA DE LEVIN (1993)

Conforme Levin (1993), muitos são os verbos que figuram em construções com alternância causativo-incoativa.¹⁶ Adotando uma abordagem léxico-semântica, a autora considera que “o uso transitivo de um verbo pode ser, aproximadamente, ‘cause to V-intransitivo’(LEVIN, 1993, p. 26-27). Para Levin, causa sempre envolverá o uso transitivo e intransitivo de um verbo, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (1) a. Janet broke **the cup**.
b. **The cup** broke.

- (2) a. The visitor rang **the bell**
b. **The bell** rang.

¹⁶ Além da denominação “alternância causativo-incoativa”, este tipo de alternância, consoante Ciríaco (2007), entre outros, é chamado também de “causativo-ergativa.” Neste trabalho, opto pelo uso do termo “alternância causativo-incoativa”. Contudo, serão mantidos os termos utilizados por cada autor, quando da resenha dos mesmos.

Observem que, na relação entre as sentenças causativo-incoativas, exemplificada em (1) e (2) acima, o objeto das construções causativas figura como sujeito das incoativas. Nestes contextos, os dois argumentos são gerados na mesma posição estrutural, ou seja, na posição de [Spec-VP], já que recebem, nesta posição, o mesmo papel temático. Isso se dá em decorrência do que prediz a hipótese de uniformidade de atribuição de papel theta, UTAH.¹⁷ De acordo com esta restrição, “dois argumentos que realizam a mesma função temática em relação a um determinado predicado devem ocupar a mesma posição de base na sintaxe” (BAKER, 1998).¹⁸ Essa restrição pode ser ilustrada com os seguintes dados do PB:

(3) a. João rolou **a bola**.

b. **A bola** rolou.

(4) a. Christiane secou **a roupa**.

b. **A roupa** secou.

(5) a. Ana Maria assou **o bolo**.

b. **O bolo** assou.

¹⁷ UTAH: *Uniform Theta Assignment Hypothesis*.

¹⁸ Texto original: “...two arguments which fulfill the same thematic function with respect to a given predicate must occupy the same underlying (DS) position in the syntax” (BAKER, 1988).

- (6) a. A primavera floresceu **o jardim**.
b. **O jardim** floresceu.

Notem que, nas construções de (3) a (6), embora os DPs “a bola”, “a roupa”, “o bolo” e “o jardim” sejam o objeto em (a) e o sujeito em (b), tanto na construção causativa quanto na incoativa, cada DP recebe o mesmo papel temático. Isso sinaliza, portanto, que tais DPs são gerados na mesma posição de base, quando são juntados no VP.

Conforme ficará evidenciado no capítulo da proposta teórica, há, nas construções causativo-incoativas, de (3) a (6), uma inter-relação entre o traço aspectual [+incoativo] do verbo e a posição estrutural dos argumentos. Tal traço obriga que o DP projetado na posição de argumento interno contenha necessariamente o traço [+afetado].

3.1.2 A PROPOSTA DE LEVIN E RAPPAPORT (1995)

Levin & Rappaport (1995) reafirmam que há uma estreita ligação entre a construção causativa e a inacusativa/incoativa. Acompanhando a proposta de Perlmutter (1978); Burzio (1986), dentre outros, as autoras defendem que a alternância causativa pode servir como diagnóstico de inacusatividade, uma vez que o sujeito do verbo inacusativo corresponde ao argumento interno da

construção transitiva, como previsto pela Hipótese Inacusativa.¹⁹ Nesta linha de raciocínio, assumirei que a “habilidade de um verbo em participar da alternância causativa está fortemente correlacionada com uma classificação inacusativa de tal verbo”.²⁰ No entanto, há alguns verbos transitivo-causativos que não apresentam a forma alternada inacusativa/incoativa, como mostram os dados a seguir:

(7) a. The baker cut **the bread**.

b. ***The bread** cut.

(8) a. The nurse sterilized **the instruments**.

b. ***The instruments** sterilized.

(9) a. The assassin murdered **the senator**.

b. ***The senator** murdered.

(LEVIN & RAPPAPORT, 1995, p. 95)

Observem que o verbo dos predicados de (7) a (9) acima sempre requer na posição de argumento externo um DP agente direto, ou seja, um agente com a propriedade semântica [+controle]. Em razão disso, a hipótese que assumirei é

¹⁹ Consoante Burzio (1986), “A verb (with an object) Case-marks its object iff it theta marks its subject.” (BURZIO, 1986; *apud* OUHALLA, 1994, p. 189).

²⁰ Texto original: “(...) a verb’s ability to participate in the causative alternation correlates strongly with an unaccusative classification of that verb.” (LEVIN & RAPPAPORT, 1995, p. 80).

a de que, nesses contextos, o traço [+controle] do argumento externo não pode ser apagado quando ocorre a alternância da forma transitiva para a forma intransitiva. Dessa maneira, a alternância intransitivo-incoativa é bloqueada.

Levin & Rappaport (1995) assumem que verbos inacusativos alternantes possuem uma única representação léxico-semântica causativa associada com as formas transitiva e intransitiva. Sendo assim, em (10) abaixo, tem-se a representação léxico-semântica da estrutura dos verbos causativos. Estes verbos são transitivos complexos e envolvem o predicado CAUSE, o qual toma dois subeventos: um caracterizado como o subevento da causação e o outro que corresponde ao evento causado. O evento da causação conecta-se, em geral, com um causador; já o evento causado, por sua vez, conecta-se com o predicado. Por outro lado, as autoras afirmam que os verbos inergativos, que não participam da alternância causativa, não possuem o predicado CAUSE. Estes verbos possuem apenas um subevento em sua representação léxico-semântica, portanto, selecionam apenas um argumento, conforme representação em (11):

(10) *break*: [[x DO-SOMETHING] CAUSE [y BECOME *BROKEN*]]

(11) *laugh*: [x *LAUGH*]

Posto dessa forma, verbos alternantes como *break* possuem uma leitura bieventiva tanto em seu uso transitivo como em seu uso intransitivo, ou seja, possuem uma representação semântico-lexical complexa envolvendo o predicado CAUSE. Já verbos inergativos como *laugh* não possuem o predicado CAUSE, permitindo apenas a forma intransitiva. Em nossa análise, o que determina a alternância é a presença de traços aspectuais no predicado.

Tomando por base o exposto acima, o objetivo principal desta pesquisa é investigar as razões por que alguns verbos do PB, como quebrar, secar, assar, apodrecer, empobrecer, alternam na forma causativo-incoativa, enquanto outros, como escrever, esfregar, empurrar, não licenciam tal alternância. Conforme será demonstrado em mais detalhe no capítulo 4, os verbos incoativos do PB serão agrupados em duas subclasses, a saber: (i) verbos do tipo de ‘apodrecer’ e (ii) verbos do tipo de ‘quebrar’. Esta subdivisão se justifica porque tais verbos não se comportam semanticamente da mesma forma em face da alternância verbal. Ademais, apresentam formação irregular no PB, conforme se verifica pelos dados arrolados a seguir:

- (12) a. ??O fazendeiro apodreceu a maçã.
b. O calor apodreceu a maçã.
c. A maçã apodreceu.

- (13) a. João quebrou o vaso.
b. João quebrou o vaso *com um esbarrão*.
c. A pedra quebrou o vaso.
d. O vaso (se) quebrou.

Observem que os verbos causativo-incoativos em (12) e (13) possuem uma representação semântico-lexical complexa, pois possuem uma predicação bieventiva. Ao assumirmos a análise bieventiva, teremos, por um lado, os VPs ‘apodreceu a maçã’ e ‘quebrou o vaso’, representando o evento causado; e, por outro lado, o evento da causação, o qual é representado pelos DPs ‘o calor’ e ‘João’. O que se observa, então, é que tanto os verbos da classe de ‘apodrecer’ quanto os verbos da classe de ‘quebrar’ apresentam a forma alternante causativo-incoativa.

Aparentemente, poderíamos, em tese, considerar que esses verbos possuem a mesma configuração sintática. Todavia, se fizermos uma análise mais rigorosa, encontraremos uma diferença crucial em relação a essas duas classes quanto à causatividade. No caso de ‘apodrecer’, a alternância causativa é permitida apenas com a presença de um agente indireto na posição de argumento externo, como ‘o calor’, ‘o sol’, ‘o produto químico’. Quando um DP [+animado] ocupa a posição de argumento externo desse tipo de verbo, confere à sentença certa estranheza, visto que esse DP não pode ser o agente

direto da mudança de estado, conforme demonstrado em (12a) acima. Notem que, se for adicionada uma expressão que indique a causa por meio da qual João conseguiu ‘apodrecer a maçã’, a estranheza da sentença é desfeita, como indico abaixo:

(14) João apodreceu a maçã *com excesso de adubo*.

Vejam que, quando o agente é um causador indireto, sempre é possível adicionar um instrumento ou um meio pelo qual o resultado final foi alcançado. Isso evidencia que o controle do agente sobre o desenvolvimento da ação pode ser anulado, ou seja, esse tipo de verbo não requer a projeção de um agente com controle na sentença. Já com verbos do tipo de ‘quebrar’, tanto um agente direto como um agente indireto podem ocupar a posição de argumento externo sem causar nenhuma estranheza.

Outra diferença ainda pode ser observada em relação aos verbos do tipo de ‘apodrecer’ e do tipo de ‘quebrar’. Os da primeira classe, como ‘apodrecer’, apresentam morfologia incoativa realizada por meio do morfema {-ec-}, enquanto os da segunda classe, como ‘quebrar’, não apresentam qualquer morfologia aspectual fonologicamente realizada.

Uma vez que essas classes de verbos remetem a um predicado de mudança, assumo que o traço aspectual [+incoativo] presente em Asp^o obriga

que o argumento projetado em [Spec-VP] contenha, necessariamente, o traço [+afetado]. Esta coindexação resulta em uma mudança pontual do evento, isto é, [+télica], a qual é compatível com a presença de um agente indireto. Assim sendo, a alternância causativo-incoativa é licenciada.

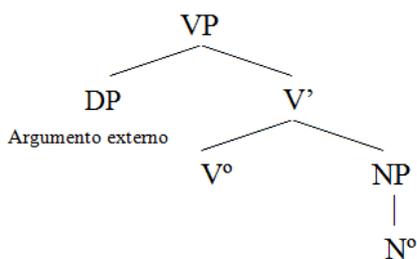
O objetivo da próxima seção será apresentar uma breve descrição dos verbos intransitivos.

3.2 PROPRIEDADES DOS VERBOS INTRANSITIVOS INACUSATIVOS E INCOATIVOS

Os verbos intransitivos podem ser subdivididos em classes distintas com relação à representação semântico-lexical. Uma destas classes é composta pelos verbos inergativos e a outra pelos verbos inacusativos. A literatura gerativista mais recente postula que a diferença básica entre os verbos inergativos e os inacusativos está na capacidade de eles s-selecionarem seus argumentos. Enquanto os inergativos s-selecionam um DP com papel temático de agente, conforme ilustra a configuração sintática em (15) abaixo, os inacusativos s-selecionam apenas um DP, com o papel temático de tema/afetado. Adicionalmente, podemos assumir que os inacusativos podem ser diádicos ou

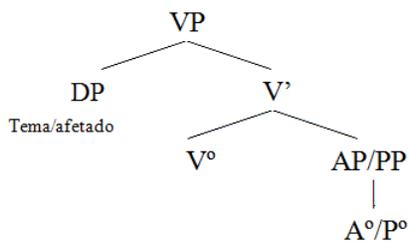
monádicos,²¹ situação que dependerá de sua estrutura sintática interna, conforme se nota pelas configurações em (16a) e (16b) a seguir:²²

(15) **Inergativo**



(16) **Inacusativo**

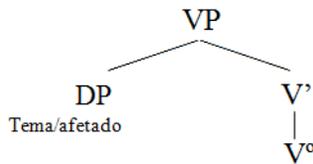
a. diádico



²¹ Segundo Hale & Keyser (2002, p. 6), “We use the terms *monadic*, *dyadic*, and so on, not in relation to sentential syntactic adicity but strictly in relation to the arguments (complements or specifiers, irrespective of morphosyntactic category) that must appear internal to the lexical configuration associated with a lexical item.” Assim, verbos monádicos são aqueles que projetam apenas um argumento e os diádicos são os que projetam dois argumentos (complemento e especificador).

²² As configurações arbóreas em (15) e (16) são adaptadas de Hale & Keyser (2002).

b. monádico



3.2.1 A PROPOSTA DE CIRÍACO (2007) E DE DUARTE E CASTRO (2010)

Apesar de os verbos inergativos serem considerados como sendo basicamente monádicos,²³ pois s-selecionam apenas um argumento externo, com papel temático agente, é-nos possível recuperar a forma transitiva desses verbos por meio de um objeto cognato, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

- (17) a. João correu a corrida de São Silvestre.
- b. João cantou uma canção triste.
- c. A bailarina dançou uma dança esquisita.
- d. O atleta nadou um nado eclético.

(CIRÍACO, 2007, p. 51)

²³ Bittencourt (1995; 2001) e Silva (2009) afirmam que inergativos podem sim apresentar a forma alternante transitivo-causativa. Conforme dados a seguir:

- a. Eu almocei os meninos e depois levei eles pra escola.
- b. O próprio dentista sentou o cliente na cadeira.
- c. Espera um pouco que eu subo você aí.
- d. O pai casou a filha com um negociante.
- e. O pai estudou os dez filhos.
- f. A professora correu o menino para fora da sala.
- g. A diretoria do Atlético estreou o Éder.
- h. Ela viajou o noivo para o Rio e caiu na gandaia.

Para Ciríaco (2007), as construções em (17) são evidências de que inergativos podem s-selecionar dois argumentos (x V y). É em razão do fato de eles acarretarem a x a propriedade de desencadeador²⁴ do processo que nos permite assumir que esses verbos são, de fato, transitivos, pelo menos, implicitamente. Duarte e Castro (2010), acompanhando Hale & Keyser (1993) e Levin (1993), dentre outros, afirmam que essa hipótese pode ser reforçada pelo fato de que, em muitas línguas, os inergativos equivalem a verbos transitivos. Esta é a situação na língua basca, em que verbos inergativos podem apresentar uma estrutura transitiva simples, conforme mostram os dados de (18) a (20) a seguir:

(18) *Nik lan egin dut*
I-erg work done have-me
“I worked.” (I did work).

(19) *Nork negar egin dut*
I-erg cry done have-me
“I have cried”.

²⁴ Segundo Cañado (2005, p. 5), “O papel temático de um argumento, ou seja, a função semântica que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir das relações de acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se.” Para a autora, as propriedades semânticas mais relevantes se resumem em quatro: Desencadeador, Afetado, Estativo e Controle.

(20) *Nik eztul egin dut*
I-erg cough done have-me
“I have coughed.”

(LAKA, 1993; *apud* DUARTE e CASTRO, 2010, p. 47)

Notem que os verbos de (18) a (20) são todos transitivos. Isso nos mostra que, no basco, o objeto destes verbos é, efetivamente, realizado na estrutura sintática. Eles equivalem, no PB, a verbos intransitivos inergativos do tipo de trabalhar, chorar e tossir, etc..

Ciríaco (2007) assume que os verdadeiros verbos intransitivos são os inacusativos, visto que estes não acarretam um desencadeador para o processo, já que s-selecionam apenas um argumento afetado. A razão óbvia é que tais verbos não podem recuperar uma interpretação transitiva (x V y) nem mesmo implicitamente, conforme mostram os exemplos em (21), a seguir:

- (21) a. * João caiu uma caída feia.
b. * João chegou uma chegada esquisita.
c. * Maria apareceu uma aparecida de repente.

A intuição é a de que, se seguirmos uma escala de referência baseada nas características de inacusatividade, existem verbos inacusativos mais

prototípicos e menos prototípicos. Dentre estas características, é válido destacar as seguintes:

- (i) não selecionar um argumento com a propriedade semântica de desencadeador;
- (ii) corresponder o verbo inacusativo a um predicado de *achievement*, tendo em vista que não combina com a construção *por x minutos*;
- (iii) aceitar de forma mais livre a posposição do sujeito;
- (iv) aceitar mais facilmente a forma do particípio absoluto.

Dentro da escala de prototipicidade apresentada acima, quanto mais delas um verbo inacusativo apresentar, mais prototípico será ele. Os exemplos arrolados a seguir em (22) e (23) visam a demonstrar cada um dos contextos mencionados acima.

(22) a. *A menina adoeceu de dengue *de propósito*.

b. *A menina adoeceu de dengue *por 15 minutos*.

c. Adoeceu a menina de dengue lá na escola.

d. Adoecida a menina, não pudemos sair de casa.

(23) a. *Uma flor brotou em meu jardim *de propósito*.

b. *Uma flor brotou em meu jardim *por 15 minutos*.

c. Brotou uma flor em meu jardim.

d. Brotada a flor, meu jardim ficou enfeitado.

Os testes acima, em (22) e (23), são de ordem semântica em (a, b), e de ordem sintática em (c, d), e exemplificam a escala de prototipicidade dos inacusativos de acordo com Ciríaco (2007). Nos exemplos em (a), o verbo não é compatível com um agente, pois falha no teste de agentividade com o advérbio *de propósito*. Já nos exemplos em (b), ao aplicar a expressão *por x minutos*, que captura propriedades semânticas aspectuais de *accomplishment*, a sentença também se torna agramatical. Em (c), a construção com sujeito posposto é gramatical, indicando que inacusativos aceitam de forma bastante natural tal inversão e, finalmente, em (d), o particípio é uma boa construção, uma vez que ocorre com objetos.

Diante do exposto até aqui, vimos que verbos inacusativos s-selecionam apenas um argumento, interno, atribuindo a ele papel temático de afetado/tema. Notem que muitos desses verbos acarretam uma mudança de estado final, o qual está diretamente coindexado com o traço aspectual [+incoativo] presente na interpretação semântica da sentença. Sendo assim, a minha hipótese é a de que inacusativos que portam tal traço equivalem ao que a literatura denomina de verbos incoativos. Estes, por sua vez, constituem a subclasse dos inacusativos que denota *achievements* e *accomplishments*, enquanto os inacusativos que não portam o traço [+incoativo] equivalem a predicados que denotam apenas *achievements*, conforme se constata pelos dados a seguir:

Tipo 1: Inacusativos que denotam *achievements* e *accomplishments*

- (24) a. A vidraça quebrou.
b. João quebrou a vidraça.
c. A vidraça ficou quebrada.
- (25) a. A maçã apodreceu.
b. O calor apodreceu a maçã.
c. A maçã ficou podre.
- (26) a. A população empobreceu.
b. A inflação empobreceu a população.
c. A população ficou pobre.
- (27) a. A roupa secou.
b. O sol secou a roupa.
c. A roupa ficou seca.

Tipo 2: Inacusativos que denotam apenas *achievements*

- (28) a. O passarinho nasceu.
b. *A mãe nasceu o passarinho.
c. *O passarinho ficou nascido.

- (29) a. A árvore cresceu.
b.*A chuva cresceu a árvore.
c.*A árvore ficou crescida.

Pelos dados apresentados de (24) a (27), podemos concluir que verbos inacusativo-incoativos denotam uma passagem de um estado x para um estado y , podendo ser substituídos pela expressão *ficar*, a qual vem seguida por um adjetivo (ou locução adjetiva). Já os verbos inacusativos não-incoativos, exemplificados em (28) e (29), denotam somente uma criação final, portanto não possuem a contraparte causativa comum a verbos incoativos. O que é importante salientar é que estes verbos são também de *achievements* e formam predicados [+télicos]. A não-alternância está, possivelmente, correlacionada com a ausência do traço aspectual [+incoativo] na sentença em que figuram. Em suma, será a ausência de tal traço que faz dos inacusativos não-incoativos apenas predicados de *achievements*.

3.3 CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

O foco deste capítulo foi descrever a relação existente entre as construções causativas e incoativas, no intuito de compreender como dois argumentos que são licenciados na mesma posição estrutural podem ocupar posições sintáticas distintas em face da alternância. Assume-se, portanto, que

este fato está conectado com os princípios da gramática universal que correlacionam a estrutura temática com a estrutura sintática de uma maneira uniforme e sistemática. Em vista disso, surgiu a necessidade de descrever as propriedades dos verbos intransitivos inergativos e inacusativos.

O capítulo 4, a seguir, é dedicado à proposta teórica sobre a alternância causativo-incoativa no PB. As hipóteses levantadas até aqui para dar conta destas alternâncias são consolidadas neste capítulo.

CAPÍTULO 4: PROPOSTA TEÓRICA

Vimos, no início desta pesquisa, que verbos locativos apresentam, no inglês, comportamento distinto em face da alternância verbal. Assim como estes, os verbos causativo-incoativos também se comportam, no PB, de maneira distinta. Em vista disso, tenho por objetivo, neste capítulo, buscar resposta satisfatória para os questionamentos levantados na introdução deste trabalho, os quais seguem repetidos abaixo:

- (i) Que relação existe entre o componente “*manner*” envolvido na alternância sintática proposto por Hale & Keyser (1993) e os traços aspectuais do verbo?
- (ii) Qual é o estatuto desse componente e como ele opera sobre a alternância sintática?
- (iii) Qual é a consequência desse componente para a alternância incoativa?

Para propor a análise sobre alternância incoativa no PB, retomo como ponto de referência alguns pressupostos da teoria de Hale & Keyser (1993) sobre a alternância sintática dos verbos que indicam mudança de locação no inglês. Ao descrever tal alternância, os autores levam em conta os arranjos sintáticos, ou seja, a projeção dos argumentos ocorridos no nível da LRS. Argumento na direção de mostrar que só a estrutura sintática não dá conta de

explicar como ocorre a alternância. Inicialmente, assumo a hipótese de que é a presença de traços aspectuais o fator que determina o licenciamento tanto da alternância causativo-locativa como da alternância causativo-incoativa.

Para isso, este capítulo está organizado em três seções. Na seção **4.1**, discuto e analiso a proposta de Hale & Keyser (1993) para verbos de mudança de locação. Na seção **4.2**, analiso a alternância incoativa no PB, adotando a hipótese assumida para os locativos. Por fim, na seção **4.3**, apresento a conclusão do capítulo.

4.1 ANALISANDO A PROPOSTA DE HALE & KEYSER

Nesta seção, retomo a proposta de Hale & Keyser (1993) sobre os fatores que motivam a alternância sintática de alguns verbos que indicam mudança de locação no inglês. Em seguida, aplico esta análise aos verbos incoativos no PB.

Como vimos na introdução desta pesquisa, Hale & Keyser (1993) subdividem os verbos de mudança de locação em duas classes, a saber:

- (i) verbos pertencentes à classe representada por *splash* (*drip, dribble, pour, squirt...*);²⁵
- (ii) verbos pertencentes à classe representada por *smear* (*daub, rub, wipe...*).²⁶

²⁵ espirrar (pingar, gotejar, derramar, jorrar...). Ex.: *O carro espirrou lama na parede.*

²⁶ Passar (besuntar, borrar, esfregar...). Ex.: *Nós passamos lama na parede.*

Essa subdivisão é feita com base nas diferenças sintáticas e semânticas apresentadas por tais verbos em face da alternância. Ambas as classes descrevem eventos nos quais alguma entidade ou material sofre uma mudança de locação, ou seja, a entidade é transferida de um ponto A para um ponto B.

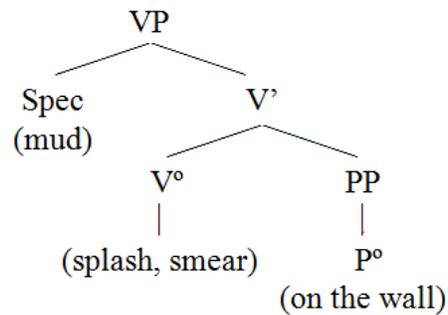
Aparentemente, as duas classes de verbos são idênticas, já que exibem a mesma estrutura transitiva [DP1 Voice-V DP2_{tema/afetado} PP_{locação/alvo}]. Todavia, a semelhança é apenas aparente, uma vez que *splash* pode ainda participar da construção alternante intransitiva [DP2_{tema/afetado} V PP_{locação/alvo}], enquanto *smear* não pode. Para os autores (*op.cit.*), nesses tipos de construção, o evento corresponde a uma relação causal, que implica uma inter-relação projetada por V° e P°, respectivamente. Neste caso, a posição de [Spec-VP] é requerida e, necessariamente, preenchida por um argumento afetado/tema que sofre o processo de mudança de locação. Os exemplos (1) e (2) do capítulo 1 são repetidos abaixo no intuito de facilitar a compreensão do leitor:

- (1) a. The pigs splashed mud on the wall.
b. Mud splashed on the wall.

- (2) a. We smeared mud on the wall.
b. *Mud smeared on the wall.

Conforme já mencionado, as construções em (1a) e (2a) compartilham a mesma estrutura sintática bieventiva, ou seja, elas descrevem uma situação envolvendo dois eventos: o evento da causação e o evento causado. A LRS proposta, a princípio, por Hale & Keyser (1993) para representar as duas classes de verbos é como segue em (3):

(3)



As sentenças em (1b) e (2b) acima, por sua vez, envolvem um evento simples. Pelos exemplos, nota-se que o verbo *splash* pode figurar tanto em uma sentença transitiva como em uma intransitiva/incoativa, enquanto *smear* não pode. Este fato coloca em evidência restrições quanto à alternância sintática desses verbos. A explicação para este fenômeno não pode ser alcançada apenas por meio da estrutura sintática, uma vez que tais verbos se comportam de maneira semelhante na forma transitiva. Hale & Keyser (1993) assumem, então,

a presença de um componente semântico denominado *manner* ligado à representação lexical dos verbos locativos. Sendo assim, será este componente semântico que permite a alternância ou a ausência dela. Nas construções alternantes, *manner* é licenciado internamente ao VP, sendo juntado com o argumento interno, em [Spec-VP]. Já nas formas não-alternantes, esse componente liga-se a uma posição mais alta na estrutura, mais especificamente, coindexado com o agente. Contudo, os autores deixam em aberto sobre qual é exatamente a natureza de tal componente. Buscar uma compreensão mais apurada desse componente será, portanto, um dos meus objetivos nesta seção.

4.1.1 A PROPOSTA DE SALLES

Antes de proceder à análise das sentenças do inglês discutidas por Hale & Keyser (1993), faz-se necessário retomar a proposta de Salles (2007) sobre a alternância dativa no inglês. Segundo a autora, a interpretação aspectual do predicado (*Aktionsart*) é representada composicionalmente na estrutura sintática.²⁷ Por esta razão, a hipótese assumida nesta pesquisa será a de que a alternância deve-se a fatores aspectuais ligados ao verbo. Notem que a

²⁷ Consoante Salles (2007, p. 5-6), “o caráter composicional da interpretação télica, identificado na articulação entre as propriedades do verbo e do argumento interno (...) é amplamente reconhecido pela literatura. Desse enfoque, resulta o estabelecimento de uma tipologia de eventos, sendo particularmente influente a chamada classificação de Vendler & Dowty, em que se distinguem por um lado predicados marcados como télicos (culminações/ *achievements* e processos culminados/ *accomplishments*), e, por outro, predicados atélicos (processos), os quais, por sua vez, distinguem-se dos estados.”

alternância verbal nem sempre requer o aumento ou a redução de valência do verbo. Com objetos duplos, por exemplo, a alternância afeta os argumentos [DP_{2tema}] e o [PP_{meta/alvo}], conforme se nota pelos seguintes dados:

- (4) a. John pulled/ pushed the box to Mary
b. *John pulled/ pushed Mary the box

- (5) a. John threw the ball to Mary.
b. John threw Mary the ball.

(SALLES, 2007, p. 12)

Os verbos das sentenças acima, *pull/push* e *throw*, descrevem uma mudança de locação sofrida pelos DPs *the box* e *the ball*. Sendo estruturas sintaticamente idênticas, esperar-se-ia que as sentenças em (a) alternassem da mesma maneira. No entanto, não é o que averiguamos com as sentenças que contêm o verbo *pull/push*.

Diante desses fatos, Salles (2007) propõe que a alternância de verbos como *throw* é permitida pela presença do marcador télico em V°. Este marcador, quando licenciado nessa posição, delimita o evento descrito pelo verbo. Contrariamente, verbos como *pull/push* não alternam, pois o marcador télico está em uma posição mais baixa, em P°, não sendo capaz de delimitar o evento descrito por estes verbos.

Baseando-se na proposta de Salles (2007) sobre a alternância de construções com objeto duplo no inglês, uma das possibilidades para explicarmos a alternância sintática de verbos da classe de *splash* seria assumir que há sim um marcador aspectual em V°. Este marcador, segundo Hale & Keyser (1993), é o componente semântico *manner*. Sendo licenciado internamente ao VP, tal marcador pode conectar-se com o DP projetado em [Spec-VP], o qual delimita o evento descrito por verbos dessa classe. Já no caso de *smear*, seguindo Salles (2007), a impossibilidade de alternância está diretamente relacionada com o fato de o marcador aspectual estar em uma posição mais baixa, ou seja, em P°. Nesta posição, esse marcador não é capaz de se juntar ao DP em [Spec-VP]. Em razão disso, o evento descrito por verbos da classe de *smear* não é delimitado. Por outro lado, Hale & Keyser (1993) afirma que o marcador aspectual, nos verbos do tipo de *smear*, estaria em uma posição mais alta, coindexado com o argumento agente. É esta hipótese que também assumo nesta pesquisa.

4.1.2 A PROPOSTA PARA O INGLÊS E PARA O PB

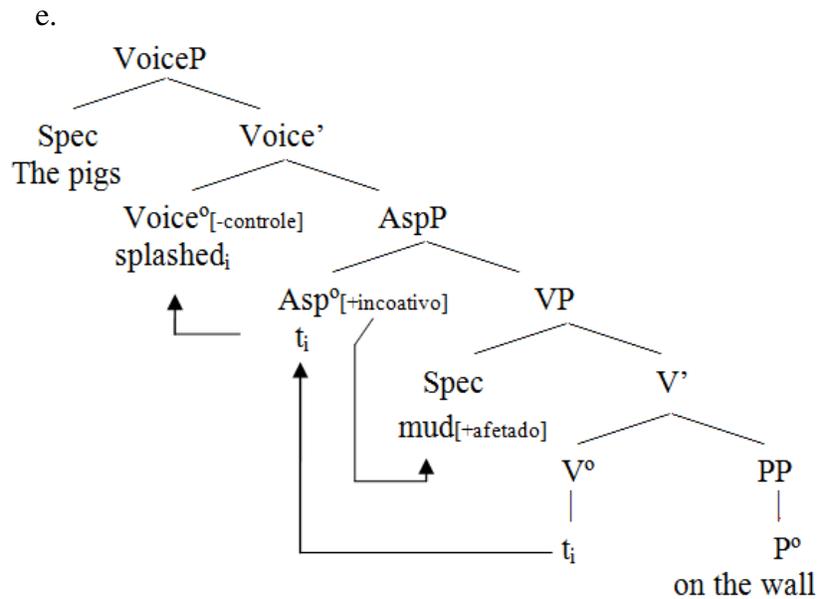
Acompanhando o essencial de Salles (2007) e a proposta de Hale e Keyser (1993), assumirei a hipótese de que a alternância sintática, no inglês, dos verbos de mudança de locação, como *splash*, e dos verbos no PB, como

respingar, derramar, gotejar, tem de estar diretamente determinada pelos seguintes fatores:

- (i) possibilidade de haver um núcleo aspectual Asp^o acima da projeção VP;
- (ii) esse núcleo portar o traço aspectual [+incoativo] e o DP projetado em [Spec-VP] apresentar a propriedade semântica [+afetado];
- (iii) e o evento que carrega esses traços aspectuais ser, necessariamente, [+télico].

Notem que o argumento externo projetado na posição de [Spec-VoiceP] das sentenças com verbos do tipo de *splash* é, em geral, um agente indireto, ou seja, trata-se de um agente que não possui a propriedade [+controle]. Sendo assim, assumo que a possibilidade de projetar um agente indireto na posição de argumento externo é outra característica relevante apresentada pelos verbos alternantes, consoante exemplos do inglês e do PB a seguir:

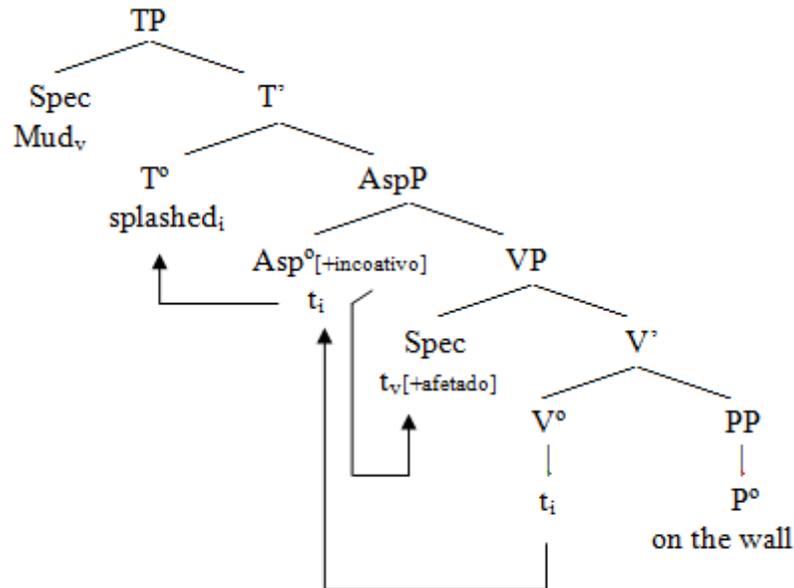
- (6) a. The pigs splashed mud on the wall.
- b. O carro espirrou água na parede.
- c. O balde derramou água no chão.
- d. A mangueira gotejou água na planta.



Pela proposta em (6) acima, assumirei, doravante, que a projeção do núcleo Asp° precisará sempre carregar o traço aspectual [+incoativo], obrigando que o DP projetado em [Spec-VP] contenha, necessariamente, a propriedade semântica [+afetado]. Consequentemente, o predicado resultante da combinação desses traços receberá sempre uma leitura [+télica]. Sendo assim, a alternância incoativa é liberada, consoante os dados em (7) a seguir:

- (7) a. Mud splashed on the wall.
 b. Água espirrou na parede.
 c. Água derramou no chão.
 d. Água gotejou na planta.

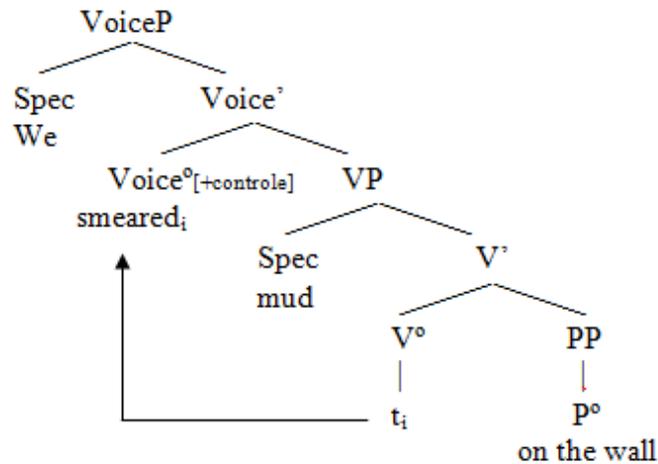
e.



Contrariamente a *splash*, verbos do tipo de *smear* não portam o traço aspectual [+incoativo]. A consequência imediata que esta proposta traz para a análise é que estes verbos não projetarão o núcleo Asp° entre o núcleo Voice° e o núcleo V°. Dessa forma, não estando esse traço aspectual disponível, o traço [+controle] de Voice° é requerido. Por conseguinte, um agente direto com a propriedade semântica [+controle] deverá, necessariamente, ser projetado na posição de [Spec-VoiceP], fato que explica, então, a não-alternância incoativa deste tipo de verbo locativo tanto no inglês como no PB, conforme segue representado nas estruturas em (8):

- (8) a. We smeared mud on the wall.
 b. As crianças lambuzaram lama no chão.
 c. Nós passamos manteiga no pão.

d.



Se a proposta acima estiver mesmo correta, ficamos então em condições de explicar a alternância causativo-locativa tanto no inglês quanto no PB de uma maneira unificada. Neste sentido, o objetivo da próxima seção será o de aplicar a hipótese sobre a existência de um núcleo aspectual licenciador da leitura [+télica] aos verbos incoativos que alternam no PB. Passemos, então, à análise destas construções.

4.2 VERBOS INCOATIVOS NO PB

No PB, a classe dos verbos incoativos é formada, basicamente, por verbos derivados de adjetivos. A maior parte destes verbos apresenta morfologia aspectual incoativa realizada por meio do morfema {-ec-}, o qual pode ser visto como a realização na morfologia da categoria AspP. Além disso, o núcleo Asp^o está presente também na formação de verbos incoativos que não possuem o morfema incoativo morfologicamente expresso, como em *secar*, *quebrar*, *assar*, etc.. Mesmo assim, é possível assumir que há um morfema aspectual abstrato na formação destes verbos, portando a mesma interpretação de mudança de estado presente no morfema {-ec-} de ‘apodrecer’. Reafirmo ainda que, além de selecionar o predicado de mudança, o núcleo Asp^o cumpre a função de relacionar o evento causado ao evento da causação nas construções causativo-incoativas bieventivas.

Assumo, doravante, que, nas construções com verbos incoativos, há a efetivação da mudança de estado do argumento interno, motivada pelo traço aspectual [+incoativo]. Quando este traço está presente no núcleo Asp^o, obriga que o argumento projetado em [Spec-VP] contenha, necessariamente, o traço [+afetado], resultando em um predicado [+télico]. Este predicado de mudança final carrega as propriedades de *achievement*. Contudo, é válido reforçar que nem toda estrutura *achievement* alterna na forma transitiva, apesar de essa

estrutura ser [+télica] em potencial. Para que haja a alternância, o traço aspectual [+incoativo] do verbo deve estar disponível para requerer um argumento com a propriedade [+afetado] em [Spec-VP]. Essas afirmações podem ser ilustradas, respectivamente, pelos exemplos a seguir:

- (9) a. O bebê nasceu.
b. *A mãe nasceu o bebê.
c. *O bebê ficou nascido.

- (10) a. Maria emagreceu.
b. A dieta emagreceu Maria.
c. Maria ficou magra.

Aparentemente, todos os verbos causativo-incoativos são idênticos, pois apresentam a mesma estrutura sintática para a forma causativa, [DP1 Voice-V DP2], e a mesma estrutura sintática para a forma intransitiva relacionada, [DP2 V]. Contudo, as semelhanças ficam por conta da estrutura sintática, pois, do ponto de vista semântico, esses verbos não se comportam exatamente da mesma maneira. Os dados a seguir ilustram essa discussão:

- (11) a. O João quebrou o vaso.
b. O vaso (se) quebrou.
c. O vaso ficou quebrado.

(12) a. O João abriu a porta.

b. A porta (se) abriu.

c. A porta ficou aberta.

(13) a. O calor amadureceu a banana.

b. A banana amadureceu.

c. A banana ficou madura.

(14) a. O calor azedou o leite.

b. O leite azedou.

c. O leite ficou azedo.

(CANÇADO e AMARAL, 2010, p. 1)

Cançado e Amaral (2010) afirmam que os verbos representados em (11) e (12) apresentam algumas diferenças básicas em suas propriedades semântico-lexicais em relação aos verbos em (13) e (14). Uma dessas diferenças está conectada com a s-seleção do argumento externo. Enquanto os verbos em (11) e (12) podem s-selecionar tanto um argumento agente direto quanto um agente indireto para a posição de sujeito, os verbos em (13) e (14) restringem tal seleção, s-selecionando apenas um agente indireto. Outra diferença entre as duas classes de verbos representadas acima está na realização fonológica do morfema incoativo {-ec-}. Essas diferenças motivam a subclassificação de tais

verbos em duas classes distintas. Tomarei, doravante, os verbos ‘apodrecer’ e ‘quebrar’ como ilustrativos das duas subclasses.

4.2.1 INCOATIVOS DO TIPO DE ‘APODRECER’

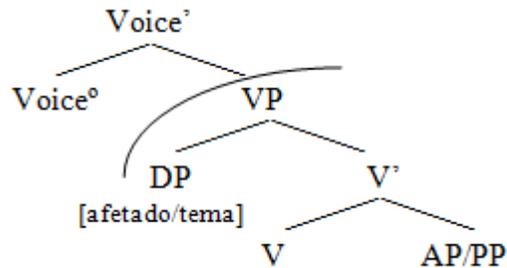
Esta subseção será dedicada à análise dos verbos incoativos pertencentes à subclasse representada por ‘apodrecer’. Esta subclasse de verbos possui características muito peculiares, a saber: (i) realiza o traço aspectual [+incoativo] por meio do morfema {-ec-}; e (ii) sempre projeta na posição de sujeito da forma causativa um argumento agente indireto. Nesta subseção, tenho o objetivo de responder às seguintes indagações:

- (i) Quais fatores estão envolvidos na formação desta subclasse de verbos?
- (ii) Quais fatores determinam o licenciamento da forma incoativa desses verbos?
- (iii) Quais restrições existem quanto à projeção do argumento externo desses verbos na forma causativa?

Os verbos derivados de adjetivos e nomes – os deadjetivais e denominais de localização, respectivamente – possuem um VP interno cuja estrutura sintática é essencialmente diádica. Consoante Hale & Keyser (2002), uma estrutura é diádica quando projeta dois argumentos, um na posição de complemento e outro na posição de especificador. O especificador dentro da

projeção interna a VP é o objeto gramatical do verbo transitivo na sintaxe sentencial. A configuração em (15) ilustra um contexto quando o VP é diádico:

(15)

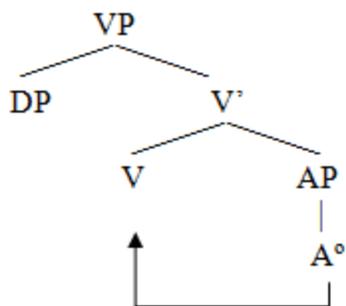


De acordo com Hale & Keyser (2002), a estrutura acima dá conta da formação de alguns verbos denominais e dos verbos deadjetivais. Estes últimos são chamados de verbos de mudança de estado ou simplesmente de incoativos. Além disso, a estrutura em (15) representa a relação de causa existente entre os dois eventos envolvidos na forma causativa desses verbos. Enquanto o núcleo Voice° se relaciona com o evento da causação, o núcleo V° lexical relaciona-se com o evento causado.

Especificamente, na formação dos verbos deadjetivais, o núcleo adjetival, A°, exige a projeção da posição de [Spec-VP] para alocar o argumento interno que sofre a mudança de estado. Esta mudança ocorre pela presença do traço aspectual [+incoativo] presente em Asp°, que obriga a

projeção de um argumento [+afetado] em [Spec-VP]. Assim, conforme propõem Hale & Keyser (1993; 2002), esses verbos possuem uma estrutura diádica composta, satisfazendo à exigência de dois núcleos lexicais (A° e V°). A incorporação dá-se por meio da operação *conflation*. Nesta etapa, o adjetivo tem sua matriz fonológica transferida ao núcleo V° que, por sua vez, precisa projetar um DP na posição de especificador do núcleo complexo (A°+V°). A LRS de um predicado de mudança, postulada por Hale & Keyser (2002), tem a seguinte estrutura sintática:

(16)



Para os autores (*op.cit.*), é o requerimento da projeção da posição de [Spec-VP] que autoriza a alternância incoativa. Esta alternância ocorre quando o argumento interno, nas sentenças intransitivas, se move para a posição de sujeito, em termos técnicos para a posição de [Spec-TP] para valorar Caso

nominativo ou satisfazer ao traço EPP.²⁸ Já nas sentenças transitivas, tal argumento permanece *in situ*. Contudo, mesmo havendo a projeção de [Spec-VP], alguns verbos não alternam. Este é o ponto central que esta análise precisa investigar.

A análise proposta nesta pesquisa acompanha o essencial de Hale & Keyser (1993; 2002) quanto à exigência da projeção de [Spec-VP]. Todavia, a diferença é que proponho a existência do núcleo Asp^o em uma posição imediatamente acima do VP da estrutura em (16) acima. Neste sentido, nossa intuição é a de que somente a projeção de [Spec-VP] não é suficiente para permitir a alternância incoativa no PB. Em conformidade com esta análise, será o núcleo Asp^o que codifica o traço aspectual [+incoativo], o qual, em muitos dos verbos incoativos, se realiza por meio do morfema {-ec-}, como é demonstrado pelo dado em (17) abaixo:

- (17) a. A inflação empobreceu a população.
b. A população empobreceu.
c. A população ficou pobre.

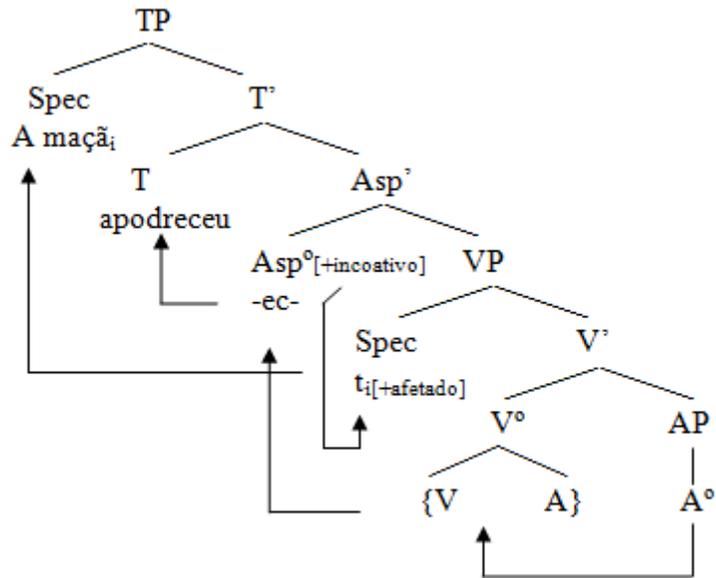
²⁸ Em Chomsky (1981), o EPP é tratado como um Princípio – o *Princípio de Projeção Estendida*. Esse Princípio determina que todas as línguas devem ter sujeito. Atualmente, na versão do Minimalismo, o EPP é codificado como um traço ininterpretável, localizado no núcleo T^o, exigindo o preenchimento da posição de Spec-TP.

Uma vez projetado o núcleo Asp^o, o argumento requerido em [Spec-VP] terá necessariamente o traço [+afetado], resultando em um evento [+télico]. A meu ver, esta proposta é mais vantajosa, já que relaciona traços aspectuais à estrutura sintática para dar conta dos verbos alternantes e dos verbos não-alternantes. Esta análise também dá conta daqueles verbos de mudança de estado que não são formados por meio de uma base adjetival nem portam morfologia aspectual incoativa visível na morfossintaxe, como exemplificado em (18):

- (18) a. Eu desabotoei minha blusa.
b. Minha blusa desabotoou.
c. Minha blusa ficou desabotoada.

No exemplo em (18) acima, apesar de o verbo ‘desabotoar’ não ser formado a partir de um adjetivo, ele carrega o traço aspectual [+incoativo] e participa da alternância incoativa. Esta afirmação é possível, uma vez que o resultado final da predicação é a mudança de estado do argumento DP afetado e o predicado é [+télico]. Segue exemplificada a estrutura sintática das construções intransitivas incoativas no PB:

(19)



Na configuração em (19) acima, são delineados os movimentos ocorridos na LRS quando da formação de verbos do tipo de ‘apodrecer’. Nesta derivação, o adjetivo é inserido no núcleo A^o por meio da operação *conflation*. Em seguida, junta-se a V^o . Por sua vez, o composto $[V^o \leftarrow A^o]$ move-se para o núcleo Asp^o e se adjunge ao núcleo aspectual [+incoativo], o qual vem realizado pelo morfema {-ec-}, resultando na nova composição $[Asp^o \leftarrow V^o \leftarrow A^o]$. O fato curioso aqui é que o traço aspectual presente em Asp^o é o fator que exige que o argumento projetado em $[Spec-VP]$ contenha o traço [+afetado]. Nestas condições, o predicado que carrega tais traços aspectuais é necessariamente [+téllico].

Acima, há a descrição da formação de um verbo incoativo no PB e como os argumentos de uma sentença nucleada por tal verbo são projetados. Na sequência, analiso como os verbos incoativos do tipo de ‘apodrecer’ se comportam na forma alternante causativa. Observem os exemplos que seguem:

- (20) a. A maçã apodreceu.
b. A maçã ficou podre.
c. **O calor** apodreceu a maçã.
- (21) a. O jardim floresceu.
b. O jardim ficou florido.
c. **A primavera** floresceu o jardim.
- (22) a. Maria emagreceu.
b. Maria ficou magra.
c. **A dieta** emagreceu Maria.
- (23) a. As frutas amadureceram.
b. As frutas ficaram maduras.
c. **O calor do sol** amadureceu as frutas.

Os dados em (a) acima são representações da forma incoativa dos verbos apodrecer, florescer, emagrecer e amadurecer. Os dados em (b) atestam que estes verbos podem ser substituídos por {*ficar + adjetivo*}, denotando a

passagem de um estado x para um estado y . Já os dados em (c) representam a forma causativa dos mesmos verbos.

Como podemos perceber, a subclasse de verbos do tipo de ‘apodrecer’ apresenta um comportamento muito peculiar quanto à seleção do argumento externo nas construções causativas. Estes verbos sempre s-selecionam na posição de sujeito um agente indireto. Para Levin & Rappaport (1995), o argumento interno dos predicados acima possui propriedades inerentes que possibilitam a efetivação do processo de mudança de estado. Tal mudança independe de um agente direto para que ela ocorra. Em sendo assim, assumirei, doravante, a hipótese de que esses predicados portam o traço aspectual [+incoativo] presente em Asp^o. Em suma, a consequência imediata que essa proposta traz para esta análise é que um argumento [+afetado] será sempre requerido na posição de argumento interno e o predicado terá, necessariamente, a leitura [+télica]. São esses fatos que explicam a razão por que os verbos desses predicados selecionam um agente indireto, ou seja, um agente [-controle] na posição de sujeito. Notem que a projeção de um agente direto na posição de [Spec-VoiceP] das sentenças de (20) a (23) acima, confere a elas uma estranheza inicial, como demonstrado a seguir:

- (24) ??**João** apodreceu a maçã.
(25) ??**Maria** floresceu o jardim.
(26) ??**O médico** emagreceu Maria.
(27) ??**Fábio** amadureceu as frutas.

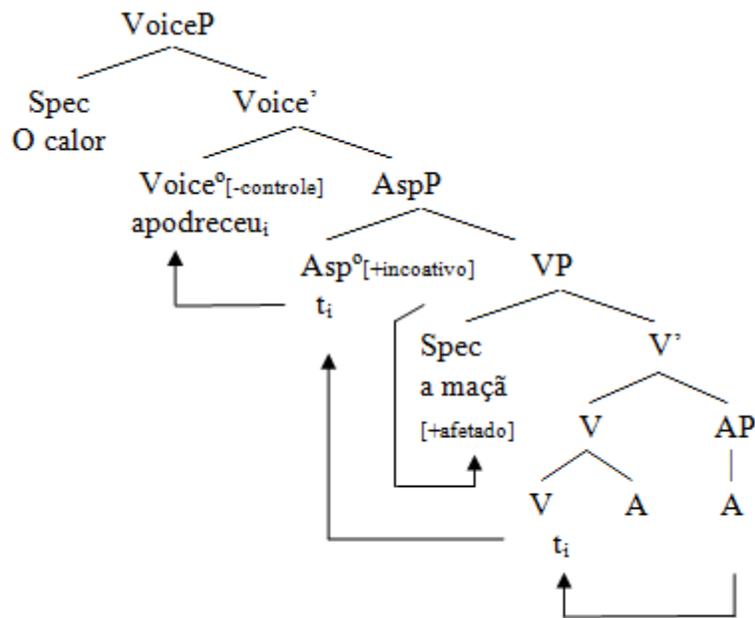
Contudo, se um DP com papel temático de meio ou instrumento ou uma causação for projetado em [Spec-VoiceP], em vez de um DP [+animado], as sentenças acima se tornam bem mais aceitáveis, conforme exemplos a seguir:

- (28) **O calor** apodreceu a maçã.
(29) **A chuva** floresceu o jardim.
(30) **A dieta** emagreceu Maria.
(31) **O produto químico** amadureceu as frutas.

Observem que a sentença em (28) acima possuirá a estrutura sintática mostrada em (32) abaixo. Nesta configuração, o núcleo Asp^o precisa carregar o traço aspectual [+incoativo], situação que explica porque um DP [+afetado] deve ser licenciado em [Spec-VP]. O efeito colateral desta exigência é que o predicado recebe a leitura [+télica]. Nesse caso, o argumento externo é um

agente indireto, ou seja, um agente [-controle], do processo de mudança de estado ocorrido.

(32)



Em síntese, a análise dos verbos do tipo de ‘apodrecer’ demonstra que a possibilidade de ocorrência da alternância incoativa no PB é diretamente permitida pela presença de traços aspectuais no predicado. Assim, o traço [+incoativo], presente em Asp^o, requer um DP [+afetado] em [Spec-VP]. Conseqüentemente, o predicado possui uma leitura [+télica] e o argumento externo poderá ser um agente indireto, ou seja, um agente [-controle].

Na próxima seção, meu objetivo é analisar a segunda subclasse dos verbos incoativos, do tipo de ‘quebrar’, que também alterna na forma causativa.

4.2.2 INCOATIVOS DO TIPO DE ‘QUEBRAR’

Nesta subseção, tenho por objetivo descrever e analisar o comportamento dos verbos incoativos do tipo de ‘quebrar’. Para isso, busco responder aos seguintes questionamentos:

- (i) Quais condições determinam a projeção do núcleo Asp^o em construções com verbos do tipo de ‘quebrar’, uma vez que eles não apresentam morfologia aspectual [+incoativa] visível na sintaxe?
- (ii) Esses verbos também licenciam um agente indireto?

Como já argumentado no início da análise, afirmamos que os verbos incoativos se subdividem em duas subclasses. Por esta razão, nesta seção, interessa-nos discutir mais especificamente os verbos do tipo de ‘quebrar’. Uma das diferenças básicas entre as duas classes está diretamente correlacionada com a seleção do argumento externo. Nota-se, ainda, que a subclasse dos incoativos, representada por ‘apodrecer’, embora denote uma causação, não exige um agente direto, ou seja, um agente com a propriedade [+controle] na posição de argumento externo. Contudo, os verbos incoativos, representados

por ‘quebrar’, podem sim projetar tanto um agente direto quanto um agente indireto. Outra diferença está relacionada com o fato de que verbos do tipo de ‘quebrar’ não realizam a morfologia aspectual {-ec-}. São, portanto, essas diferenças básicas que me motivaram a subdividir os incoativos em duas subclasses.

Em geral, o que se nota é que os verbos da classe de ‘quebrar’ podem ou não selecionar um agente direto na posição de [Spec-VoiceP]. Este fato está em consonância com a proposta de Ciríaco (2007), segundo a qual uma construção com o verbo ‘quebrar’ pode ser compatível ou não com a propriedade [+controle]. Neste sentido, esta propriedade é acarretada ao argumento externo composicionalmente na sentença, ou seja, pela predicação, como se observa em (33):

(33) a. João quebrou o vaso *intencionalmente*.

b. *O vaso (se) quebrou *intencionalmente*.

Contudo, consoante Ciríaco (2007), a propriedade de ter controle não é um acarretamento lexical do verbo *quebrar*. Para a autora, se é verdade que *João quebrou o vaso*, não é, necessariamente, verdade que ele teve controle sobre o desencadeamento da ação de quebrar. Assim sendo, pode-se adicionar à sentença um adjunto que expressa a falta de controle de *João* sem interferir na

gramaticalidade da mesma. Tal fato me leva a assumir que o argumento externo dos verbos da classe de ‘quebrar’ não precisa, necessariamente, ser um agente direto, como segue:

(34) João quebrou o vaso *com o empurrão que levou do irmão*.

Ademais, quando o verbo, obrigatoriamente, seleciona um DP agente direto na posição de sujeito, não há possibilidade de se anular o controle deste argumento. Tanto que, se for adicionado à sentença um adjunto que anule o controle do agente, tal sentença se torna agramatical, como segue ilustrado em (35):

(35) a. João dirigiu o carro *intencionalmente*.

b. *João dirigiu o carro *com o empurrão que levou*.

A segunda diferença apontada entre ‘apodrecer’ e ‘quebrar’ refere-se à realização da morfologia aspectual incoativa. Pertencem à classe de ‘quebrar’ os verbos incoativos que não realizam a morfologia aspectual. Mesmo assim, seria possível propor que o traço [+incoativo] está presente em um morfema zero, visto que há um sentido de mudança latente na raiz desses verbos. Tal mudança de estado ocorre pela presença deste traço aspectual no núcleo Asp^o, o

qual, por sua vez, exige um argumento [+afetado] na posição de objeto. Seguem abaixo exemplos de construções com alguns verbos que se comportam como ‘quebrar’:

- (36) a. Fábio abriu a porta *de propósito*.
b. Fábio abriu a porta *com o soco que ele deu na parede*.
c. O vento abriu a porta.
d. A porta abriu.
- (37) a. Maria fechou a livro *intencionalmente*.
b. Maria fechou o livro *com o tropeção que ela levou*.
c. O vento fechou o livro.
d. O livro fechou.
- (38) a. O padeiro queimou o pão *de propósito*.
b. O padeiro queimou o pão *com o descuido que teve*.
c. A alta temperatura do forno queimou o pão.
d. O pão queimou.
- (39) a. Ana Maria molhou a roupa *intencionalmente*.
b. Ana Maria molhou a roupa *com a mangueira furada*.
c. A chuva molhou a roupa.
d. A roupa molhou.

Nas sentenças de (36) a (39) acima, há, claramente, o sentido de mudança de estado do objeto, resultando em uma mudança final do predicado, ou seja, ‘*a porta ficou aberta*’, ‘*o livro ficou fechado*’, ‘*o pão ficou queimado*’ e ‘*a roupa ficou molhada*’. Observem que, nas construções em (a) acima, é projetado um agente direto. Contudo, quando há este tipo de argumento, pode ser adicionado à sentença um adjunto anulando o controle do agente, como representado nas sentenças em (b) acima. Este fato corrobora a hipótese de Kratzer (1996) segundo a qual o argumento externo não é um acarretamento do item verbo, mas sim, do predicado como um todo. Essa constatação traz evidências a favor da hipótese de que o predicado que contém verbo incoativo possui a característica de s-selecionar DP agente [-controle], ou seja, agente indireto. É esta hipótese que assumo nesta pesquisa.

4.3. CONCLUSÃO DO CAPÍTULO

Em suma, implementei neste capítulo a proposta teórica segundo a qual os verbos do tipo de ‘quebrar’ e do tipo de ‘apodrecer’ se comportam de maneira semelhante quanto ao tipo de acarretamento semântico que impõem ao argumento externo. Contudo, nota-se que os dois tipos de verbos se diferem quanto ao fato de apenas os verbos do tipo de ‘quebrar’ poderem s-selecionar um agente direto e indireto, situação que dependerá da estrutura argumental que

esses verbos projetam na sintaxe. Adicionalmente, a proposta defendida neste capítulo foi a de que a alternância incoativa está diretamente conectada com o traço aspectual [+incoativo], o qual é licenciado pela projeção aspectual. Por sua vez, o núcleo desta projeção impõe que o argumento interno, projetado em [Spec-VP], receba o papel temático [+afetado]. Considerei ainda a hipótese de este núcleo aspectual permitir que o evento obtenha a leitura [+télica]. Por fim, assumi que os verbos incoativos são compatíveis com agente indireto.

CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a análise desenvolvida até aqui teve por objetivo alcançar resposta satisfatória às indagações inicialmente propostas, as quais seguem repetidas abaixo:

- (i) Que relação existe entre o componente “*manner*”, proposto por Hale & Keyser (1993) para os verbos locativos no inglês, e os traços aspectuais dos verbos incoativos no PB?
- (ii) Qual é o estatuto desse componente e como ele opera sobre a alternância sintática?
- (iii) Qual é a consequência desse componente para a alternância verbal incoativa?

A investigação foi motivada pela proposta de Hale & Keyser (1993) sobre a LRS dos verbos locativos, no inglês, representados por *splash* e *smear*. Os autores consideram a presença de um componente semântico, *manner*, na representação lexical desses verbos, cuja função é licenciar a alternância de verbos como *splash*. Assim sendo, propus que esse componente corresponde, ao final das contas, ao traço [+incoativo] em Asp°. Quando presente no VP lexical, tal traço requer necessariamente um argumento [+afetado] em [Spec-VP]. O resultado dessa combinação é um predicado [+télico]. Adicionalmente, considerei que a consequência imediata desta análise é a

possibilidade de projeção de um argumento agente indireto na posição de [Spec-VoiceP].

Contrariamente, se o traço incoativo não estiver disponível, um argumento agente [+controle], ou seja, um agente direto, obrigatoriamente, é requerido na posição de sujeito. Em virtude disso, a alternância incoativa não é licenciada. Desse modo, torna-se possível explicar a razão da agramaticalidade de construções, como “**Mud smeared on the wall*” e “**O pote passou manteiga no pão*”. Tanto *smear* como *passar* projetam agente direto na posição de [Spec-VoiceP].

Durante a análise, considerei que é a presença da morfologia incoativa {-ec-}, presente na maioria dos verbos incoativos no PB, uma das principais evidências para se argumentar a favor da existência da projeção aspectual AspP imediatamente acima do VP. Para fundamentação desta argumentação, apoiei-me na teoria de Hale & Keyser (1993; 2002) sobre a LRS, bem como em estudos de Oliveira (2009) sobre a derivação dos verbos no PB. Considerei, também, as propostas de Ramchand (2008), Gehrke (2008) e Vieira (2010), as quais anunciam a projeção de um núcleo aspectual motivada por afixos.

Na análise do tipo de argumento externo projetado pelos verbos causativo-locativos e causativo-incoativos, apoiei-me em Kratzer (1996). Segundo esta autora, esse argumento é projetado pelo núcleo funcional Voice^o,

como requerimento da predicação. Sendo este núcleo funcional, tornou-se possível prever a adição do núcleo funcional, Asp^o, projetado imediatamente acima do VP. Além disso, foi possível assumir que Voice^o contém o traço [controle] que pode estar ativo ou não, dependendo da exigência da predicação. Dessa maneira, se o predicado contém um verbo incoativo, Voice^o não é motivado a ativar o traço controle. Neste caso, a posição de sujeito pode ser preenchida por um agente [-controle], isto é, um agente indireto. Contrariamente, se o predicado contém um verbo estritamente agentivo, Voice^o é motivado a ativar o traço [controle], sendo, crucialmente, selecionado para a posição de sujeito um argumento agente [+controle], ou seja, um agente direto. Em sendo assim, a alternância incoativa é bloqueada.

Levando-se em consideração todos os fatos observados até aqui, é possível afirmar que a alternância apenas será licenciada se: (i) o traço aspectual [+incoativo] estiver disponível no verbo; (ii) o núcleo Asp^o for projetado entre VP e VoiceP; (iii) o argumento interno carregar a propriedade semântica [+afetado]; (iv) o predicado descrever um evento [+télico]; e (v) o argumento externo puder ser um agente indireto, ou seja, um agente [-controle].

Considerando-se a complexidade da análise envolvendo traços aspectuais presentes na representação lexical de verbos alternantes, pretendo, no futuro, aprofundar a proposta defendida nesta dissertação.

*“Se as condições forem
favoráveis, eu vencerei; se as
condições forem desfavoráveis, eu
vencerei; se as condições forem
muito desfavoráveis, eu ainda
estarei no páreo.”*

Ayrton Senna

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, M. C. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago Press: University of Chicago. 1988.

BITTENCOURT, V. O. *Da Expressão da Causatividade no Português do Brasil: uma Viagem no Túnel do Tempo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP. 1995.

_____. *Causativas Lexicais no Português do Brasil: Perfil Morfossintático, Semântico e Funcional-Discursivo*. In: DECAT, Maria Beatriz Nascimento *et al.* *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, p. 167-232. 2001.

BURZIO, L. *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Reidel. 1986.

BUTT, M. *Theories of Case*. Cambridge University Press, New York, USA. 2006.

CAMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 33 ed., Petrópolis: Vozes. [1970] 2001.

CANÇADO, M. O papel do léxico em uma teoria de papéis temáticos. *DELTA* 16.2, p. 297-321. 2000.

_____. Hierarquia Temática: uma Proposta para o PB. *Revista Letras* 61, p. 60-62. 2003.

_____. Propriedades Semânticas e Posições Argumentais. *DELTA*, v.21, n.1, p. 23-56. 2005.

CANÇADO, M. e AMARAL, L. A. *Representação Lexical dos Verbos Incoativos no PB*. Manuscrito. UFMG. 2010.

CHAFE, W. L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: The University of Chicago Press. Trad. NEVES, M. H. M. *et al.* *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. 1979.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Trad. PAGANI, L. A., NEGRI, L. e ILARI, R. Campinas: UNICAMP. 2003.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris. 1981.

_____. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger. 1986b.

_____. *The Minimalist Program*. Cambridge: MIT Press. 1995.

CIRÍACO, L. A alternância causativo/ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte – MG. 2007.

COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge University Press. 1976.

COSTA, S. B. *O aspecto em português*. 2 ed., São Paulo: Contexto. 1997.

DOWTY, D. On the content of the notion of thematic role. In: CHIERQUIA; PARTEE (eds). *Properts, types and meaning*. Studies in linguistic and philosophy 2. Dordrecht: Kluver, p. 69-129, (Semantics Issues). 1989.

DUARTE, F. B. e CASTRO R. C. Incorporação nominal, inergatividade e estrutura causativa em Tenetehára. *Línguas e Culturas Tupí*, volume 2, Org. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Aryon Dall’Igna Rodrigues e Fábio Bonfim Duarte, UNB, Brasília. 2010.

DUBOIS, J. *et al. Dicionário de linguística*. 15 ed., São Paulo: Cultrix. 1991.

FRANCHI, C. Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem. Tese de Doutorado. IEL. UNICAMP. 1975.

GEHRKE B. Goals and sources are aspectually equal: Evidence from Czech and Russian prefixes. *Lingua*, 118. USA. 2008.

HALE, K. & KEYSER, S. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: K. Hale & S. J. Keyser (eds.). *The view from building 20*. MIT Press, Cambridge, MA. 1993.

_____. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Orgs). *View from building 20: Essays in linguistics in honour of Sylvain Bromberger*. Massachusetts: MIT Press. 1994.

_____. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. MIT Press, Cambridge, Massachusetts. London, England. 2002.

KENY, A. *Action, Emotion and Will*. London: Routledge and K. Paul; New York: Humanities Press. 1963.

KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In Johan Rooryck and Laurie Zaring, eds. *Phrase structure and the lexicon*, p. 109-137. Dordrecht: Kluwer. 1996.

LAKA, I. Unaccusatives that assign accusative. In: *Papers on Case and agreement I*, eds. C. Phillips, J. D. Bobaljik, MITWPL, 18, p. 149-172. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1993.

LARSON, R.K. On the Double object construction. *Linguistic Inquiry*, p. 335-391. 1988.

LEMOS BARBOSA, Pe. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1956.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press. 1993.

LEVIN, B. & Rappaport, M. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press. 1995.

LOPES, M. A. G. *Morfofonêmica e Morfosintaxe do Maxakalí*. Tese de Doutorado, Belo Horizonte - Faculdade de Letras da UFMG. 2009.

MARANTZ, A. *On the nature of grammatical relations*. Cambridge: The MIT Press. *Linguistic Inquiry Monographs*, n. 10. 1984.

_____. 'Cat' as a phrasal idiom: consequences of late insertion in Distributed Morphology. Cambridge: MIT Press. Manuscrito. p. 1-24. 1996.

_____. *Words*. MIT. Manuscrito. 2001.

- _____. (2007a). Phases and words. New York University. Manuscrito. 2007a.
- _____. Restitutive *re-* and the first phase syntax/semantics of the VP. MIT, 2007b. Handout. 2007b.
- OLIVEIRA, S. M. Aspecto da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2009.
- OUHALLA, J. *Introducing Transformational Grammar. From Rules to Principles and Parameters*. London: Routledge. 1994.
- PERINI, M. A. *Estudos de Gramática Descritiva: As Valências Verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PESETSKY, D. & TORREGO, E. Tense, Case, and Nature of Syntactic Categories. MIT, Press. 2002.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing arguments*. Linguistic Inquiry Monographs. MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London, England. 2008.
- RADFORD, A. *Syntactic Theory and the Structure of English: a Minimalist approach*. Cambridge University Press. New York. USA. 1997.
- RAMCHAND, G. Aspect and Predication: the semantics of argument structure. Oxford: Clarendon Press. 1997.
- _____. Perfectivity as aspectual definiteness: Time and the event in Russian. *Lingua* nº 118, p. 1690-1715. 2008.
- RYLE, G. *The concept of Mind*. London: Barnes and Nobles. 1949.
- SALLES, H. M. L. Prepositions and the Syntax of Complementation. PhD Dissertation. University of Wales. 1997.
- _____. O aspecto e a alternância dativa. In: *Nos Domínios do Verbo*, Curitiba. Livro de Resumos - *Nos Domínios do Verbo*. 2007.
- SILVA, Y. R. B. As causativas sintéticas no português do Brasil: novas evidências a favor da estrutura bipartida do VP. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte. 2009.

SPENCER, A. *Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar*. Oxford: Blackwell, 1991.

TENNY, C. *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Dordrecht: Kluwer. 1963.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 3 ed. Uberlândia: EDUFU. 1994.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca/London: Cornell University Press. 1967.

VIEIRA, M. M. D. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. *Revista de Estudos da Linguagem – Relin – UFMG*, v 18, nº 1, p. 141-164. Belo Horizonte – MG. 2010.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a noção de aspecto. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, v.2, n. 48, p. 211-231. Campinas: UNICAMP, 2005.

WACHOWICZ, T. C. Telicidade e classes aspectuais. *Revista do GEL*, São José do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008.

WHALEY, L. J. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*. Califórnia. 1997.

WHITAKER-FRANCHI, R. As construções ergativas: um estudo sintático semântico. Dissertação de mestrado. IEL - UNICAMP. 1989.